RODOVIÁRIA

Transportes e Turismo



Physis



abertura solene da «Feira de Março» pode comparar-se a uma segunda Primavera que desce, festiva e apoteótica, sobre a laboriosa e acolhedora cidade de Aveiro. Poucas horas após o des-

pontar da primeira estação do ano, com suas manhãs perfumadas e seus dias de Sol caricioso, o canal central do burgo renovado aparece atapetado de barcos de proa arrogante e o povo, aos milhares, invade o terreiro do mercado e seus anexos. É a «Feira de Março», tradicional e popular, com rumor e alvoroço próprios dos grandes certames e o movimento desusado que lhe oferece, prazenteira, a jovialidade dos visitantes.

Assim como as festas da Agonia, em Viana do Castelo, conquistaram dilatada fama, também a «Feira de Março», todos os anos ruidosamente celebrada em Aveiro com a duração de trinta dias, ganhou farta popularidade e justa reputação.

As feiras andam cingidas ao desenvolvimento das localidades onde se realizam. Datam de tempos remotos e o seu valor, como centros de transacções, mostruários ricos de produtos e reunião de vendedores e compradores, pode somar-se ao fomento regional e à economia da Nação.

As feiras servem também, e muito apropriadamente, para exibição do folclore e velhos costumes das nossas gentes. Intercaladas com senhoras e meninas de sociedade, mulheres e raparigas do povo aparecem nos mercados, a despertar e a prender as atenções das pessoas que sabem apreciar o donaire e a garridice da sua indumentária pitoresca.

O turismo e o comércio reunem, deste modo original, atractivos de valia e merecimento.

Muitos anos, por negligência e manifesto desinteresse dos homens, a «Feira de Março» de Aveiro quedou-se represa num primitivismo confrangedor, sem novidades e motivos contemporâneos a dar medida exacta do acontecimento e a alardear seu valor e opulência.

Na última dezena de anos, porém, os aveirenses, jovens de ideias e responsáveis pelo engrandecimento da sua terra, modificaram o sistema, injectaram-lhe energias moças — e a «Feira de Março» constitui, hoje, realização citadina de relevo e categoria.

A cidade de Aveiro, e as próprias freguesias rurais do concelho, têm rejuvenescido notòriamente nos derradeiros anos, graças ao método de trabalho e regrada administração de quem orienta e dirige seus destinos.

É enquadrada no remoçado cenário aveirense que tem lugar a «Feira de Março», onde acorrerá, por certo, considerável multidão no decurso do mês (25 de Março a 25 de Abril) em que estará patente ao público.

A inserção das fotografias dos Srs. Governador Civil, Presidente do Município e da Comissão de Turismo de Aveiro, com que ilustramos esta página, traduz a homenagem da «Rodoviária», uma homenagem sentida e sincera, às figuras ilustres que governam superiormente Aveiro — a contento da sua numerosa e lhana população.



-4

AVEIRO

centro de turismo

de singulares belezas

por EDUARDO CERQUEIRA

A PEGADO já a certas fórmulas e «clichés», à força de me arvorar, ou me solicitarem como pregociro das belezas e atractivos da minha terra, creio que vou desservindo Aveiro, quando me proponho exaltá-la. Cai-me o bico da pena, irremissivelmente, no sulco de um disco mil vezes corrido, e a exposição toma o tom desenxabido e do monocórdico ramerrame de um recado impingido por qualquer cicerone pressuroso e insensibilizado.

Aliás, eivado de bairrismo, preso aos enleios do ambiente natal, e dai incapacitado para a apreciação objectiva, tornar-me-ão, fundadamente, como parte suspeita.

Poderia abonar-me com alheias impressões; deixar às vozes imparciais os louvores que, como é de uso dizer-se, em boca própria—ou nas de um filho, como agora é o caso—tomam feição de vitupério.

Certas peculiaridades constituem, em Aveiro, características perenes. Notavam-se-lhe há séculos, ou ontem, e persistem nos nossos dias, como perdurarão no porvir.

Um memorialista dos finais do sé-



Abrigos de ocasião . .

culo XVII, por exemplo, considerava-a «por toda a parte desabafada e alegre». E esse carácter subsiste, e acentua-se, a pesar das transformações que sofreu e da expansão que dia a dia lhe dá maior vulto.

Para tanto, basta que um braço da ria a alargue em amplo desafogo e a abra para a luz que o Sol nela derrama perdulàriamente. A luz, irisada na humidade em que as águas da laguna se vaporizam, ou numa poalha doirada ou na decomposição das cores complementares, inundada de alacridade, constitui uma festa permanente.

Há uma centena de anos, um visitante ilustre, trazido pelo braço afectuoso e agradecido de José Estevão — amigo de todas as horas e cliente numa dóença de alarmante cariz — , o médico, académico e escritor, doutor Tomaz de Carvalho, apontavaa como sendo, «decerto, de todas as cidades de provincia a mais policiada e esclarecida».

Também nela, em certo grau, permanecem essas qualidades. O aveirense, por sua particular forma de ser e tradição, é naturalmente cioso da sua independência e dignidade de homem. Talvez por essa mesma razão, raro não refreia qualquer impeto para a violência, ou para a desmesura de atitudes. A policia significa aqui, pois, espontânea disciplina, auto-dominio, nato civismo, e não a regra imposta ou a autoridade que zele o seu cumprimento.

Em raras terras do país haverá menor necessidade de exercer a pressão ou a vigilância dos agentes da ordem. A gente é cordata, afável e acolhedora. Aborrece a subserviéncia, tem a espinha tão vertical como as varas do pálio que conduz nas procissões tradicionais, enfrenta afoitamente o olhar de quem quer que seja o interlocutor, diz sem tergiversar, mas não toma ares arrogantes ou descamba na impertinência, nem quebra a correcção conveniente ao trato dos homens, que uns aos outros se prezam. Porventura, por esse mesmo traço, e pelo ar lavado, e o asseio - com os tempos, de crescente apuro —, o mesmo autor apelidava Aveiro de — «Paris descalço».

Mas a cidade, com o seu ambiente característico, a afabilidade da sua



A estátua de José Estêvão e a igreja da Misericórdia, na vizinhança dos Paços do Concelho, em Aveiro, são monumentos com valor histórico e interesse turístico

gente, os rastos de um passado milenário, os encantos da paisagem que a cerca, os costumes, a intensificação da vida própria, se mereceu pretéritos louvores, bem os conquistará hoje de quem a visite. Nem só prende e arreiga os naturais, porque cativa os forasteiros que algum dia a incluam na sua rota de viagem.

Centro de uma zona singular e privilegiada, onde os elementos essenciais são a água e a luz, constitui um espectáculo panorâmico único no país. Dispõe, demais, de toda a sorte de requisitos para agradar e conquistar o apreço dos mais exigentes. Proporciona ensejo para passeios ao longo da ria tentacular, ou a pontos da mais celebrada beleza; possui um clima ameno e aprazivel; pode satisfazer anseios de amadores de arte; oferece magnificas condições para desportos náuticos, da pesca até à vela; tem múltiplos motivos para preencher algumas horas ou alguns dias de lazer.

Passa agora por um apreciável surto de prosperidade, quer no ressurgimento das actividades portuárias, quer no desenvolvimento das suas actividades e na progressiva melhoria das suas condições naturais.

Aveiro, mais aformoseada e aliciante, pode, assim, ser apontada mesmo por um dos seus filhos mais cegos de fervor bairrista, como um centro de turismo de excepcional relevo, e dos mais dignos de atenção e curiosidade.



*

À regência do mestre obedecem, mui atentos, os componentes do «Coral»



O "CORAL ALELUIA"

A CULTURA popular, que muitos senhores propalam de modo altisonante mas só um reduzido número pratica com fervor e devoção e das mais úteis e gratas funções a que podem dedicar-se os componentes da Grei.

O teatro de amadores e o canto coral, para não aludirmos aqui a muitas outras actividades culturais de iniciativa particular, concorrem tanto para a educação e desenvolvimento intelectual do povo como a escola mais completa e modelar.

Dos apaixonados praticantes da Arte de Talma têm saído prestimosos elementos para a vida social. Tão prestimosos, e competentes, como os que ao estudo de muitos anos devem os conhecimentos que lhes asseguram destacada e próspera posição.

Os próprios actores de categoria, conceituados e ilustres depois de terem sido amadores com jeito na modesta sala da sociedade do bairro ou da freguesia, aí tomaram os seus primeiros contactos com os mistérios e imprevistos da arte difícil de representar. Aí prestaram, hesitantes, as suas primeiras provas, enfrentando as plateias, e daí sairam, mais tarde, por escolha e eleição dos mestres na observação demorada da sua vocação genial.

E no canto têm-se verificado idênticos fenómenos. Muitos dos cantores que provêm do amadorismo (palavra sem valia para os doutorados no profissionalismo) chegam tão longe, por vezes, como aqueles que levaram anos numa aprendizagem metódica e efectiva, mais por imposição dos maiores do que por tendência ou declarada afeição ao ofício...

Os cantores e os actores, como os escritores e os poetas, não se fazem

é um conjunto artístico que honra a cidade de Aveiro e o País

nem se preparam nas escolas — como quem prepara guarda-livros ou habilita farmacêuticos. Nascem escritores ou poetas, cantores líricos ou actores famosos, porque o Destino assim determinou e quis.

Na galante cidade de Aveiro, berço de numerosas figuras ilustres e relevantes, defende-se, adora-se e pratica-se a arte bela do canto.

A «Acção Cultural das Fábricas Alelúia», que funciona sob o pratrocínio da reputada empresa fabril aveirense e é dirigida por um dos seus sócios-gerentes, desenvolve-se, desde 1944, com notório aproveitamento educativo para os seus componentes, todos colaboradores da conhecida organização.

E note-se que a pátria de José Estêvão também lucra, e bastante, com as auras conquistadas pelo «Grupo Coral Alelúia», pois os êxitos que têm premiado as suas exibições reflectem-se, todos eles, nas glórias do burgo dos canais sinuosos e das tricanas esbeltas e delicadas.

Este agrupamento de vozes mistas, fez a sua primeira apresentação em pú-

blico em Pevereiro de 1945, numa festa comemorativa da 40.º aniversário da fundação da Fábrica Alelúia, empreendimento de tomo que João Alelúia, das mais simpáticas e populares figuras de Aveiro, em boa hora fundou nos alvores deste século (1905).

Absolutamente consciente das suas possibilidades, tem este conjunto procurado servir com o maior interesse e honestidade o desenvolvimento da música coral no nosso país. Da orientação deste trabalho permanente e disciplinado resultou um nível que, volvidos os primeiros anos, não passou despercebido a alguns dos nossos melhores compositores. Muitos deles até, seguros do valor artístico do «Grupo Coral Alelúia», começaram a confiar-lhe diversas partituras, algumas das quais escritas expressamente e dadas em primeira audição.

Tem realizado um grande número de concertos, em Portugal e em Espanha, e desde 1947 que colabora nos programas de música coral da Emissora Nacional.

É desvanecedor verificar que já promoveu, desde a sua fundação, os seguintes concertos: para a Emissora Nacional., 38; em teatros e salas, 45; em igrejas (música espiritual), 10; e já cantou, até agora, 120 partituras. Excluindo os concertos realizados para a Emissora Nacional, todos os outros têm sido promovidos com fins beneficentes.

Rodoviária vê com extremos de simpatia — e com elas se regozija sinceramente — estas manifestações de Arte e Cultura popular, iniciativa e labor dos homens nobres de espírito e ricos de sentimentos.

(Continua na pág. seguinte)

-- (1)

IDÍLIO serrano

por LEAL DE ZÉZERE

É RUIVO quedou-se a olhar a serrania. Um lençol de neve amortalhava córregos e brenhas, as árvores vestiam-se de flocos, e escorrendo grossas pingolas do capote de alvura virginal...

— Nevão do demo... Santo Deus — e esgueirou-se para o curral. A cabrada não sairia aquela tarde, pois no pastio, enregelado e somido, não pegariam os animais. E à volta das cinco horas, carreou do palheiro umas faixas de feno que misturou com ervaçais. Deu a «achega» e espojou-se também. Depois adormeceu. E quando acordou estremonhado, ao remoer das rezes enfartadas, e ao balir dos cabritos brincalhões, pulou da estrumeira tépida e fedorenta e abeirou-se do portal que fragorosamente escancarou, Havia desabado a noite. Na treva infinita luziam, de onde em onde, cintilações foscas do nevão que tudo enroupara, e Zê Ruivo recolheu, fria e húmida, a mão que estendera a sondar o tempo.

«Coral Alelúia»

(Continuação da pág. anterior)

O patriarca João Alelúia, que ainda nos foi dado conhecer nos seus últimos anos de actividade industrial e acompanhámos na jornada derradeira, legou aos filhos, Carlos e Gervásio, tudo o que um cidadão honrado pode deixar aos seus descendentes: inteligência, apego ao trabalho e entranhado amor pelo próximo.

E os irmãos Alelúias têm sabido honrar a memória de seu augusto e venerado Pai. Até no carinho especial, e talvez único entre nós, que votam ao seu «Grupo Coral», por um deles superiormente dirigido e composto por seus próprios trabalhadores, eles evidenciam nitidamente o valor espiritual, elegante e comum de amizades, que faz parte integrante da herança paterna.

A arte dos ceramistas eximios, e a sua qualidade de chefes e patrões, fundem-se, embora em plano de compreensível respeito, com os obreiros humildes das Fábricas Alelúia.

«Ditosos operários que tais patrões



Junto à Ponte Pedrinha, nas cercanias da Covilhã, as ovelhas comem os restos da pastagem queimada pelas últimas geadas

Acendeu a candeia pendurada numa ilharga do aprisco e à luzinha baça e bruxolante que docemente clareou a escuridão, viu flocos bailaricando e entrelaçando-se em beijos macios e rocegantes de namorados, segredando e fugindo, a baloiçarem-se nas asas do vendaval que assobiava e os latia.

-Eh raios... isto nunca mais minga-e estacou para escutar... No campanário, à distância de algumas pedradas, soavam as horas, e as badaladas repercutiam montanha fora, estranhas, ondulando pelas quebradas, até o eco se apagar, esguedelhado pelas ramas dos pictos pelas ramas dos pinheiros... Onze... — contou — e foi-se adentro, espevitado pela sacola. De bornal a tiracolo, enfaixado numa samarra desbotada e rota, soprou a candeia, trancou o por-tal com minúcia, galgando ao palhiço. Foi abanando as cancelas, a certificar-se da sua segurança, e agarrando a lanterna aramada, abriu-a para acender e atiçar-lhe o pavio, erguendo-a bem alto, a alumiar em redor, com cautela... Nada... Nem um uivo... Tinha sido a lembrança dos uivos que o retivera ali. Os uivos... Os lobos... Amaldiçoados eles fossem... Espantava-os o frio agreste das cumiadas, desandavam de abalada de suas tocas gélidas e lamacentas, tristonhos, rabo a arrastar, espiando de soslaio, orelhas em riste, a peugada dos currais... Que não têm faro... mas têm fome e olho vivo, e escutam o balido doce dos cordeiros, como aperitivo para o bacanal sangrento que preparam com astúcia. Após o assalto estrangulam e comem, levando às costas, à laia de espólio, pequenas rezes fumegantes, seguras dentuça, para armazenarem ou distribuirem pela filharada. Os lobos... Zé Ruivo odiava-os atrozmente, rangia os dentes com ganas de trincá-los. Já os topara diversas vezes e tivera de acender fogachos para os espantar e fugirem espavoridos. Com terna mágoa, lembrava uma velha cadela de boa casta, que, coxa de uma

armadilha, heròicamente os enfrentara, e depois de luta bravia, fora derrubada e feita em postas. Talvez eles não aparecessem aquela

noite, pois catando a desoras a calidês das cercanias, os havia de intimidar o marulho do povo que se não deitara. E sorriu, estugando o passo, saracoteou-se e sacudiu a neve que o chicotava, algando a lanterna a atentar no carreiro lamaçudo e escorregadio. E num cotovelo de um olival, bem perto, a aldeia sussurrante, luz a jorros no adro da igreja, neve a bailar em redor da velha fogueira gigante, o odor das frituras e lagaadas que as suas narinas perseguiam. Noite de Natal... E à luzerna rendilhada do lampião, agora a trote, perfilado e em correria fantasmagórica, o arvoredo ia assomando, para logo se esconder no negrume.

— Eh... Zé Ruivo... só agora Zé Ruivo... Rega aí, alma do Diabo... Eh eha... éhi éhiu... Éééé...iii...

O rapazio, em algazarra, ia rolando aos poucos, de um carro ajoujado que chiava, o tronco velho e corcomido de um castanheiro. Na grande fogueira ardiam montões de azinho, pinheiros e silvados que rechiavam crepitosamente; cancelas e portais largavam das junturas a ferraria esbraseada. Zé Ruivo saltou a casa para sacudir a samarra e poisar o bornal, e entrou, sorridente, na companhia, a puxar também. Garotos chegavam em magotes, encharcados e porcos, com lenhas roubadas. Roubadas... o Natal tudo perdoa... o rapazio acarreta o que puder, e os proprietários lesados só conseguem reaver o que é seu, até momentos antes de ser pertença do braseiro. Depois, tudo é sagrado -a lenha... o fogo... - bocados de oiro, oferta dos aldeões ao Deus-Menino, prestes a nascer, enregelado e pobre. E o bruháhá das gentes ia-se emaranhando pelos olivais vizinhos, a neve ciciava sem parar, vinha ciciando sempre, a forrar de arminhos os beirais dos telhados. Neve e frio, mais lenha e mais calor, labaredas tecendo à sua volta um abrigo quente, e os velhotes, conversadores, espelhando nos olhos as saudades de crianças, achegavam os braços esten-



(Continua na pág. 10)

OS CONCESSIONÁRIOS

de carreiras concorrentes ao caminho de ferro

dirigem aplausos à «RODOVIÁRIA» pelo que

aqui expusemos sobre a sua delicada situação

caso das carreiras concorrentes ao caminho de ferro, a que inicialmente e com a maior isenção nos referimos na Rodoviária de Fevereiro pretérito, continha matéria e importância para provocar naturais e vivos aplausos. A classe cujos interesses correm perigo e nós viemos, por sentimentos próprios e imperativos de consciência, procurar defender com uma exposição clara e elaborada com elementos incontroversos, tinha que manifestar-se abertamente a favor da atitude que tomámos a seu respeito.

E foi o que aconteceu -

em homenagem à verdade.

O leitor concessionário de car-O leitor concessionário de carreiras de serviço público de passageiros, aquele que, nos seus percursos, utiliza troços de estrada considerados de concrencia ao comboio, sente, directos, os efeitos do mal que apontámos e em cuja melhoria feito que sais o diagnós. melhoria, feito que seja o diagnós-tico respectivo, acreditamos sinceramente

O assunto terá que ser superior-mente estudado, devidamente con-siderado — e a justiça far-se-á a seu tempo, digna e equitativamente distribuída.

Com o fim único de facilitar a missão e diligências oficiais, que os interesses em jogo exigem a reunião de vários subsídios, iremos dando nota de todos e quaisquer elementos informativos que nos forneçam ou possamos colher em autorizadas fontes.

Os aplausos da prestimosa classe dos camionistas, que nos propomos defender sem a mira reservada em qualquer recompensa material adulteradora das sadias intenções que nos animam, compreendê-mo--los perfeitamente. Eloquentes, vibrantes, eles traduzem, unanime-mente, o voto esperançoso e de confiança dos seus signatários isso nos basta como recompensa

material do trabalho realizado.
Cartas, cartões, telefonemas e
telegramas não deixaram de nos
visitar, diàriamente, desde que saiu

o número seis da Rodoviária até à saida do presente, respeitante ao mês de Março que decorre.

Reproduzir aqui toda essa correspondência, ou sòmente alguns trechos mais elucidativos e tradutores fiéis dos prajuízas corresti tores fiéis dos prejuízos experi-mentados, seria ocupar espaço com

matéria dispensável.
Simplesmente, e convencidos do acordo tácito dos seus autores, va-

mos trasladar para aqui, com o fim de arquivar na Revista os do-cumentos que directamente vêm elogiar a sua acção, o texto exacto de alguns dos muitos telegramas que foram recebidos na redacção da Rodoviária:

Concordo inteiramente artigo carreiras concorrentes.

Caetano Linhares - Póvoa de

Doutrina vosso artigo sobre agravamento imposto camionagem mereceu nossa mais viva simpatia pela verdade das afirmações nele

José Maria Santos & Companhia, Limitada — Coimbra.

É da maior oportunidade artigo publicado acerca imposto a camionagem cujo aumento representa encargo incomportável.

Respeitosos cumprimentos—A. J. Alves & Companhia — Coimbra.

Agradecemos oportuno útil ar-tigo defesa carreiras concorrentes. A. Maia & C.º — Castelo da Maia.

Felicitamos calorosamente justa apreciação deficiências que dificultam presentemente vida camionagem país publicado últimamente «Rodoviária» e agradecemos interesse manifestado.

Empresa Arganilense - Arganil.

De acordo artigo carreiras con-

Viação Costa & Lino, Lda. — Pa-rada — Vila do Conde.

Aplaudimos e agradecemos publi-cação artigo defesa camionagem concorrente estimulando continua-

ção criteriosas apreciações. Pereira Meireles & C.ª, Lda.—

Felicitamos vivamente autor artigo carreiras concorrentes, dando nosso inteiro apoio.
União Rodoviária do Caima, Lda.
— Oliveira de Azeméis.

Centrais de Camionagem

O «GITA» vai pronunciar-se sobre este importante problema de carácter nacional

Contamos poder inserir no próximo mês, por nos não ter chegado a tempo de ser incluída no presente número, uma oportuna comunicação do Grémio dos In-dustriais de Transportes em Automóveis, relacionada com o momentoso problema das «Centrais de Camionagem».

O nosso distinto colaborador Sr. Luís de Quadros tratou nestas páginas, nas edições de Janeiro e Fevereiro da Rodoviária, o assunto com erudição e aprofundados conhecimentos, que o leitor certamente leu com especial interesse e muito apreciou.

Mas depois desses artigos do consciente e vigoroso jornalista, com natural ansiedade é esperado, agora, qualquer esclarecimento — ou simples nota informativa — do organismo onde pertencem, como agremiados e prestimosos servido-res do sistema rodoviário em Portugal, indivíduos e empresas directamente empenhadas na imediata realização do melhoramento.

Cremos sinceramente no êxito final destas diligências literárias, que bem podem ter a coroá-las a obra grandiosa que todos justificadamente apetecem: os que alugam os autocarros e os que pagam ge-nerosamente os bilhetes para neles se transportarem.

Nota-se — e já há bastantes anos — que industriais de camionagem e público se lamentam por não disporem, uns e outro, dos meios necessários de protecção e

comodidade. Luís de Quadros expôs clara-mente, nos dois artigos que publicou, os seus melhores pontos de vista sobre as «Centrais de Camionagem» e o Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis vai, por seu turno e uma vez mais, emisubsidio para a história da preten-dida obra, acerca deste impor-tante assunto de carácter nacional.

(1)

TURISMO

E HOTÉIS

sr. Z. H. publicou um artigo de interesse relacionado com o turismo e hotéis em Portugal. Rodoviária defende, com desinteresse e entusiasmo, o problema dos Transportes e Turismo entre nós, porque entende que ambos se animam e completam. A esse nosso programa se ajustam perfeitamente as sensatas considerações daquele publicista que, sobre o instante problema de Turismo e Hotéis, deste

modo se pronuncia:

«Falar do turismo nacional e das possibilidades da sua expansão não é dificil. Trata-se de um tema aliciante, onde no entanto, poucos são os que têm metido a «colherada» com acerto, e onde muitos têm visionado obras de grande monta, com o sentido sempre louvável de tornar Portugal conhecido dos estranhos. Para uma grande parte do público ledor, estes artigos encerram expressão de patriotismo e, não poucas vezes, dão azo a manifestações íntimas, onde não é regateado o aplauso.

Sim, senhor! As possibilidades de Portugal para prender e chamar os turistas são enormes! O enlevo paísagistico de algumas regiões, o seu valor histórico, a amenidade do seu clima e o folclore regionalista, são trunfos de vasa certa que importa ter em conta no campo de acção.

Mas...—as reticências matam a paisagem!—é preciso saber começar e, sobretudo, por onde começar! Não basta fazer hotéis, pensões ou pousadas. É preciso saber onde e também como as manter. Abrir hoje para fechar no dia seguinte por falta de recursos não é resolver o problema dos alojamentos para turistas. É, antes, contribuir para um círculo vicioso de dúvida e receio que serve para afugentar os industriais e capitalistas de empresas de maior vulto.



Indicação

Circuitos Turísticos

Organização de CONCESSIONÁRIO EXCLUSIVO

A TRANSPORTADORA SETUBALENSE

de João Cândido Belo & C.ª, Ld.ª VILA FRESCA DE AZEITÃO

CIRCUITO TURÍSTICO DA REGIÃO DOS 3 CASTELOS

VISITANDO: Cabo Espichel, Sesimbra, Serra e Portinho da Arrábida, Setúbal, Palmela e Azeitão

AOS DOMINGOS E 4.ª FEIRAS Partida de Cacilhas às 8,30 Chegada ao mesmo local às 20,25

PREÇO POR CADA VIAGEM: 60\$00

CIRCUITO TURÍSTICO DA ARRÁBIDA

VISITANDO: Setúbal, Palmela e seus castelos

AOS SÁBADOS

Partida de Lisboa: P. Marquês de Pombal, às 14,30 Chegada ao mesmo local às 20,30

PRECO POR CADA VIAGEM: 65\$00

Informações e marcação de lugares

Em CACILHAS: Posto de venda de bilhetes da firma concessionária — Tel. 070188.

Em LISBOA: Turismo de Moçambique, Rua Alexandre Herculano, 11-D — Tel. 42660.

Em LISBOA: Agência de Turismo «Santa Marta», Ltd.*, Rua do Ouro, 292,1.9— Tel. 28686.

Em AZEITAO: Sede da firma — Telefones n.º 028029 e 028062.

Dentro de dois anos, o problema da capacidade de alojamento, sobretudo em Lisboa, estara resolvido. As obras já em curso para hotéis novos e as obras de remodelação devem ser acarinhadas e protegidas, de forma a garantir o êxito do futuro.

O decreto 2.073 de 23 de Dezembro de 1954, que promulga as disposições relativas ao exercício da indústria hoteleira e similares, foi um passo que pode e deve encorajar os industriais e capitalistas. Assim, o regulamento para a execução daquele decreto, que o Secretariado Nacional de Turismo está a elaborar, possa ser o fiel intérprete do espirito que animou o legislador.

Atrás dos pontos de protecção e das facilidades de dinheiro a juro baixo ou sem juro, deve estar a «imposição» de uma colaboração íntima com o Estado, no sentido de combater o desemprego. Isto quer dizer que o «ecletismo» dos profissionais da indústria hoteleira não pode nem deve aproveitar aos patrões. É muito interessante um empregado saber um bocadinho de tudo — e isso só valoriza o profissional —, mas não é justo nem é humano que a um empregado de recepção se exija que faça serviços que só aos empregados de quarto competem.

Defenda-se e imponha-se a hierarquia, para não continuarmos na anarquia. Esta faceta é da maior importância para impor os serviços. Só pode haver bons profissionais, onde cada um saiba o instrumento que toca.

Falar de turismo e de gastronomia, olhando apenas para os complexos da rede rodoviária e para o local onde «se julga» que os hotéis ou pousadas devem ficar, não é tudo. O turista tem exigências que vão muito além das belezas de paisagem. Exige conforto. E o conforto de um hotel não está só na decoração dos móveis e das paredes. O conforto do hóspede começa na maneira como é recebido e servido. Um hotel pode ter magnificas instalações e estar maravilhosamente situado. Se não tiver profissionais competentes, nunca poderá ser um bom hotel para honrar a região e o próprio país.

Estamos certos de que o regulamento que há-de pôr em execução o Decreto n.º 2.073, e que há já bastantes meses está a ser elaborado pelo S. N. I., vai trazer, a par da protecção e auxílio aos industriais, uma protecção aos profissionais da indústria hoteleira, dando-lhes escolas e garantias de subsistência — pois são eles a mola real na execução do nosso problema turístico. — Z. H.»

Uma Escola

Primária

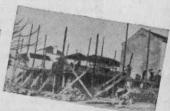
EDIFÍCIO ESCOLAR

JOSÉ ROBERTO RAPOSO PESSOA

(A «31 DE JANEIRO») QUE É







COMO VÊ, A IDEIA ESTÁ EM MARCHA... NÃO NOS NEGUE O SEU PRECIOSO AUXÍLIO !

UM MODELO DE COMPREENSÃO E HUMANISMO

QUE nem tudo é ainda, felizmente, egoísmo consumado, pôde verificá-lo quem, como nós, acaba de assistir às sensibilizantes comemorações do 45.º aniversário da Escola Primária «31 de Janeiro», de Parede.

Em 1911, um grupo de habitantes do, então, simples lugarejo, debruçado sobre as fragatas eriçadas em que o oceano vem espraiar-se, meteu ombros à meritória obra de proporcionar às crianças em idade escolar a sala de aula e professor que lhes faltavam.

Assim nasceu a Escola que os netos dos fundadores frequentam hoje, preparando-se para, no futuro, continuarem a perpetuar o louvável esforço de seus avós.

Há bastantes anos já, foi possível adquirir, à custa de que sacrifício e boas vontades, um excelente terreno situado em saudável e maravilhoso local, no alto da povoação. Tempos depois, inaugurava-se ali a primeira fase do edifício escolar onde passou a funcionar o externato masculino, hoje constituído por mais de sessenta alunos, na sua grande maioria, oriundos das classes menos abastadas de Parede e povos limitrofes.

O externato feminino continua a

funcionar no velho prédio onde a Escola «31 de Janeiro» deu, vacilante, os seus primeiros passos, sendo a sua actual frequência superior a seis dezenas de meninas da mesma escala social.

Deste modo, a iniciativa e acção particulares têm dado um belo exemplo do que pode a vontade em face da necessidade, mantendo sem desfalecimento a luta contra vicissitudes de todo e confaio.

de toda a espécie.

Alheia a toda e qualquer ideologia política e limitando-se ao cumprimento integral das disposições que regem o ensino primário particular, a Escola Primária «31 de Janeiro» tem recebido das entidades oficiais do Concelho de Cascais e, nomeadamente do presidente da respectiva Câmara Municipal, o maior interesse e carinho. Assim se justifica que em justo preito de gratidão, o edificio escolar privativo e o externato masculino tenham recebido o nome de José Roberto Raposo Pessoa, o ilustre e zeloso edil-presidente, a quem todo o concelho já muito deve, através da sua obra a tantos títulos notável, profícua e acertada.

Entre os mais esforçados pilares da Escola Primária «31 de Janeiro» destaca-se, sem disprimor para os restantes, o dinâmico alentejano Francisco Fernando Carracha, há muito vice-presidente da direcção e grande impulsionador das melhores manifestações externas da Escola.

Director do pelouro cultural, a ele e a sua irmã, Sr.* D. Florinda, distinta professora de música, se devem, de há bastantes anos a esta parte, a preparação cénica e coral das crianças, tornando assim possível as brilhantes actuações a que temos assistido e de que a última foi plena confirmação.

De facto, foi encantadora, de graça e superior beleza até, a festa que, integrada no programa das comemorações, se efectuou no salão da Sociedade Musical União Paredense e no decorrer da qual foi dado apreciar, a quantos a ela assistiram, o que pode valer a actuação infantil quando como, por Francisco Carracha, é convenientemente orientada.

Que soberba lição de história e formação moral representou o comovente quadro «Milagre das Rosas» e que esfusiante alegria irradiava dos pequenos «artistas» durante a brilhante marcação folclórica.

Inesquecivel, também, a graciosa, embora muito curta presença, como convinha à sua tenra idade, de uma encantadora menina que, naquele dia, completava apenas trinta meses e que soube portar-se à altura das circunstâncias... pelo menos na maneira donairosa como agradecia os fartos aplausos que recebeu. Não será demais registar o seu nome — Lígia Ferreira da Silva — pois bem o merece pelos momentos de enternecimento que provocou à numerosa assistência.

Do programa das comemorações constaram ainda uma sessão solene para entrega de prémios aos ex-alunos que terminaram com relevo os seus estudos primários e de aproveitamento total ou parcial aos actuais alunos; exposição de trabalhos manuais e ainda um lauto jantar de confraternização entre instruendos, professores, directores e convidados, levado a efeito na «Pensão Portugal», com a presença de mais de 130 convivas.



Sorridentes, alegres, estas crianças frequentam a Escola «31 de Janeiro» e, mercê disso, têm diante de si um futuro mais prometedor e radioso

R. G.

(Do «Diário do Alentejo»)



didos e as faces avermelhadas, Depois, à meia-noite, o repicar dos sinos, o toque de festa a chamar o povo à Missa do Galo, toque de esperança e de amor a acordar o descampado, nú e sombrio, a acordar a passarada da serra, adormecida e friorenta; toque de hossanas a anunciar que o Messias acabava de nascer.

Ehihi... Ehihi... E a fogueira continuava a crepitar, violenta, cascalhante, expelindo línguas de lume que vassouravam os ares, num mar de faúlhas que iam poisar e morrer nos umbrais da sacristia.

Ehihi... Ehihi... O povo foi passando alegre, mas grave — lavradores ensimesmados e prazenteiros, trabalhadores de enxada, remendados e limpos, pastores esfarrapados e felizes. Todos olhavam e sorriam ao brazeiro doirado que não findava. Os sinos haviam enlouquecido. E Jesus ali estava, nú e belo, na lapinha de Belém, alumiado pelos sorrisos de Maria e José, acalentado pelo bafo tépido de um burro húmilde e uma vaca benfaseja. Um Rei que nasceu num berço de palhas frias, tão nú e tão pobre, tão belo e tão só... Todos se acotovelavam para o contemplar. No pre-sépio, cheio de luz, gentios guiados por clarão jamais visto, iam cami-nhando lestos, para visitarem o Deus que incarnara, e cujo nascimento, revoadas de anjos apregoavam entre hinos. Montanhas de musgo e caminhos de areia... Os Reis Magos, ajoujados de pedrarias, suspensos no rasto de uma estrela esplendente, vinham descendo para prendar e adorar o Recém-nascido. Pastorinhos de flauta, de olhar mavioso, berrando às cabra-das... Raparigas esbeltas de bilha à cabeça... Moleiros azafamados to-cando os jumentos... O presépio...

Zé Ruivo entrou também, para ver Jesus Menino. Queria pedir-lhe protecção contra a fúria das tormentas e o uivar das feras, e queria pedir--lhe também, que aquela que ali es-tava... muito pertinho... Espreitou. Sim, ela lá estava, a Rosa da Fonte. Queria pedir-lhe que ela, a quem tanto amava, o amasse também... E ficou colado ao presépio, olhando de onde em onde a moçoila desempenada e trigueira que desejava para mulher. O abade anunciou que ia dar a beijar o Pequenino Deus nascido, e o povo, em escalão, foi-se ache-gando para oscular-lhe os pesinhos rosados e papudos. Zé Ruivo esperou pela Rosa da Fonte, e ambos, lado a lado, se olharam e sorriram, E foram acalentar aquele sorriso ao adro luminoso, onde o lume adormecia. Depois, de volta de um passeio pela escuridão dos becos, a pensar na bem amada, Zé Ruivo lembrou o rebanho que criara com carinho, afagou a neve que não parava, e carregando um velho portal abandonado, correu à fogueira, para transformá-lo em oiro, com que agradeceria ao Deus--Menino, que nascendo, fizera nascer aquele amor. - L. Z.

O HOTELEIRO

apostou com os hóspedes

e nasceu o Turismo de Inverno

OI há cerca de noventa anos que Johannes Badrutt - então proprietário de um pequeno hotel - teve ideia genial que iria ser o ponto de partida para a transformação de um vale solitário, perdido nas altas montanhas, num dos mais afamados centros turísticos internacionais.

Era uma noite chuvosa e sombria. cume do Piz Julier estava coberto por um espesso manto de neve; camadas de nevoeiro pendiam do Piz Rosatsch até ao Lago de St. Moritz, que o vento da Maloja agitava em vagas mais furiosas do que nunca. O Outono estava porta e os numerosos hóspedes de Verão de St. Moritz haviam já abandonado a estância, tendo ficado apenas alguns retardatários.

Quatro ingleses imperturbáveis encontravam-se reunidos em volta da chaminé da sala do Kulm Hatel, palestrando agradàvelmente com Johannes Badrutt, proprietário e fundador da casa, aquecidos exteriormente pelo fogo que crepitava na lareira e, interiormente, por

alguns «whiskies».

CLARAS

CIRCUITOS TURÍSTICOS

Programa de 1956 Concedidos pela D. G. T. Terrestres e com a aprovação do S. N. I. (dec. 37.202)

CIRCUITO N.º 1 — «Visite Lisboa» (de manhā) — Diário, excepto às 2.º feiras. CIRCUITO N.º 2 — «Visite Lisboa» (de tarde) — Diário, excepto às 2.º feiras. CIRCUITO N.º 3 — «Lisboa Necturna» — As 3.º e aos sabados.

CIRCUITO N.º 4 — Lisboa (Praça Marquês de Pombal) — Queluz — visita ao Palácio — Sintra — visita ao Palácio (almoço — Palácio da Pena — Cabo da Roca Guincho (merenda) — Cascais — Estoril — Estádio Nacional e Lisboa. Aos domingos, 3.º e 5.º, de 1 de Março a 31 de Outubro e aos domingos e 5.º feiras, de 1 de Novembro a 28 de Fevereiro.

CIRCUITO N.º 5 — Lisboa (Praça Marquês de Pombal) — Vila Franca — Carregado — Santarém — Pernes — Torres Novas — Tomar — Castelo do Bode — Constância — Almourol — Golegã — Chamusca — Almeirim — Salvaterra de Magos — Vila Franca e Lisboa. Aos domingos, de 1 de Março a 31 de Outubro.

CIRCUITO N.º 6 — Lisboa (Praça Marquês de Pombal) — Vila Franca — (pequeno almoço) — Caldas da Rainha — Nazaré (visitas) — Aljubarrota (almoço) — Batalha (visitas) — Fátima (visitas e merenda) — Torres Novas — Santarém e Lisboa. As 2.º, 4.º e 6.º.

CIRCUITO N.º 7 — 1.º dia — Lisboa — Vila Franca (pequeno almoço) — Caldas

6.*.

CIRCUITO N.* 7—1.* dia — Lisboa — Vila Franca (pequeno almoço) — Caldas da Rainha — S. Martinho do Porto — Nazaré (visitas) — Alcobaça (visitas) — Aljubarrota (almoço) — Batalha (visitas) — Leiria — Figueira da Foz (merenda) — Luso-Buçaco (jantar e dormida). 2.* dia — Buçaco (pequeno almoço) — Cruz Alta — Buçaco (almoço) — Coimbra (merenda, visitas, jantar e dormida). 3.* dia — Coimbra (pequeno almoço) — Conimbriga (visitas) — Leiria (visitas e almoço) — Batalha — Fâtima (merenda) Torres Novas Lisboa. As 2.*, de 1 de Março a 31 de Outubro.

Outubro.

CIRCUITO N.* 8 — Entroncamento —
Castelo do Bode — Tomar — Fátima — Batalha — Porto de Mós — Entroncamento em ligação com a C. P.. Aos domingos de 1 de Junho a 30 de Setembro.

N. B. — Todos os circuitos são acompanhados por guia.

Informações e marcação de lugares:
— Em todas as Agências de Viagem e Turismo de Lisboa.

Como de costume, passavam a sua úl-tima noite desse ano de 1864 em companhia do dono do hotel, simpático velho de imponente barba branca... Era um desses serões de despedida, semelhantes a tantos outros e, no entanto, aquela noite la ficar célebre na história de St. Moritz e nos anais dos desportos de In-verno. Os hóspedes tinham-se já posto de pé e preparavam-se para recolher aos seus quartos quando Johannes Badrutt, cofiando a longa barba branca, observou, pensativo:

O sol deixou-nos, o Outono refugiou--se nos vales, o Inverno está à portal

-Sabem que o Inverno aqui é muito mais agradável e menos frio do que em Londres?

-Não é possível! - exclamou um

dos ingleses.

— Creiam que é a pura verdade. Du-rante as horas de sol — e raros são os dias em que ele não brilha - pode-se sair sem sobretudo, sem chapéu e até sem casaco, o que não acontece em Londres, onde certamente apanhariam uma pneumonia se tentassem fazer o mesmo.

-Pode lá ser! - teimou o inglês. -Pois bem — disse Badrutt após um instante de reflexão - vou dar-lhes a possibilidade de verificarem pessoal-mente o que acabo de afirmar. Passem aqui o Inverno. Ofereço-lhes hospedagem gratuita no Kulm. Aceitam?

Sempre prontos a apostar, como é hábito dos ingleses, aceitaram imediatamente a proposta, ficando combinado que iriam a St. Moritz, pelo Natal, passar umas férias a titulo de experiência. Se a promessa de J. Badrutt não se realizasse, este pagar-lhes-ia a viagem Londres-St. Moritz e volta. Se, pelo contrário, a sua afirmação saísse certa, os ingleses seriam hóspedes pes-soais do hoteleiro da Engadine, até à Primavera.

E foi assim que os primeiros excursionistas inngleses foram a St. Moritz pelo Natall... e ali ficaram até à Primavera, gozando esplêndida saúde, bronzeados pelo sol e encantados com a estadia.

VISEU

pede uma estrada para fomentar

O SEU PROGRESSO

PRESIDENTE do Grémio do Comércio de Viseu, sr. Celestino Coelho Pereira, entregou ao director de estradas daquele distrito, Sr. engenheiro Passos Ângelo, uma exposição acerca da necessidade de dar a Viseu mais uma nova estrada de acesso. Acompanharam-no, no acto da entrega, os presidentes da Juntas de Freguesia S. Salvador, Orgens, S. Cipriano e Vil-de-Soito, tendo o sr. eng. Passos Ângelo, a quem se deve já uma notabilissima acção a favor da rede rodoviária do distrito, prometido dar aos peticiários o seu valioso apoio.

No oficio-exposição, diz-se que a Direcção do Grémio do Comércio do Distrito de Viseu, convicta de representar os anseios justos dos que muito contam na economia daquele distrito, e, ainda, com o intuito de dar satisfação ao grande número de pessoas que se lhes dirigem para que seja o seu porta-voz, acompanhava os presidentes daquelas juntas de Freguesia, para lhe solicitar os seus bons oficios no sentido de ser reparada a estrada n.º. 337-I (de Figueiró a Viseu).

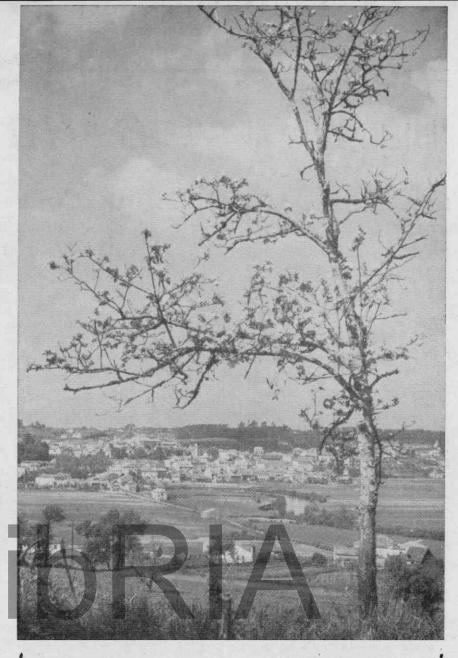
Em toda a sua extensão, pratica-se um constante movimento rodoviário, no qual entra uma elevada percentagem de carros pesados, que servem a grande indústria de madeiras e resinas instaladas e originadas na região, e, outros, que se destinam ao Porto, Aveiro, Cacia e demais terras do litoral e do Norte do País.

É, também, exclusivamente, por esta estrada, que à cidade se dirigem os habitantes de nove das mais populosas freguesias daquele concelho; por ela passam, a pé, diàriamente, uns milhares de pessoas que vivem nas aldeias e fazem a sua vida profissional na cidade.

O seu péssimo piso, normalmente afagado com barro, é lamacento no Inverno e demasiado poeirento no Verão. As muitas curvas que o seu antigo traçado contém, são outros tantos obstáculos pe-

Sugere-se, nesse documento, que os trabalhos deveriam constar de alargamento da sua faixa de rodagem, desde a Avenida 28 de Maio até Vil-de-Moinhos; alargamento de todas as curvas perigosas e rectificação do seu perfil, desde Vil-de-Moinhos ao cimo da povoação de Figueiró, com pavimentação de betuminoso ou paralelos, em toda a sua extensão.

Pelo Ministério das Comunicações, foi publicada no «Diário do Governo» uma portaria que estabelece a tarifa a aplicar no ensino



Rebentos Primaveris

Alvoroçadas, incontidas no seu louco festim, plantas e árvores erguem seus hinos de alegria à Primavera risonha. A imagem da gravura bem no-lo revela, na candura bucólica da singeleza que a envolve. A bruma ainda não abandonou de todo o cume das montanhas, mas a Primavera vem surgindo com seus animadores lampejos e pulcras cintilâncias. Enquadrada no trecho, onde a árvore frutífera nos anuncia a Primavera florida, vê-se Águeda—a linda—eternamente abraçada pelo rio que passa todo o tempo, enamorado por ela, a dedicar-lhe sussurrantes poemas de lirismo e de amor...

ENSINO DE CONDUÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

remunerado de condução de veículos motorizados. Cada lição terá a duração de cinquenta e cinco minutos, contados a partir da hora marcada para início da lição. São obrigações do instrutor ou da escola de condução, consoante o caso: fornecer, a pedido dos interessados, quando os considerem habilitados, o veículo de que necessitarem para exame, pelo preço previsto na respectiva tabela; e indemnizar pelos prejuízos que resultarem da não comparência a exame por falta de veículo, ou da suspensão do exame ocasionado por avaria do veículo, se essa falta ou avaria lhes forem imputáveis.

ANGEJA

insiste pela construção de uma variante que liberte as suas ruas dos perigos do trânsito de veículos pesados

No distrito de Aveiro, para além de Cacia e a dois quilómetros da ponte, por uma estrada que margina o rio Vouga entre tufos de salgueirais, Angeja, rica de tradições, continua a ser, apenas, um miradouro a brindar o visitante com um dos mais belos quadros paisagísticos da região privilegiada da Beira Litoral. É de Angeja que melhor se pode admirar a vasta superfície dos arrozais, das águas do Vouga, fertilizando terras de amanho, e a ria numa das suas maiores extensões. Assim, Angeja vive contemplativa, marasmática, porque até ela ainda não chegaram os indispensáveis melhoramentos que proporcionam o progresso dos grandes e pequenos aglomerados sociais. Várias vezes a Imprensa se tem referido ao problema, que é a construção da projectada variante da estrada nacional n.º 16. Sobre o assunto, já em 1953 foi entregue ao sr. ministro das Obras Públicas, por intermédio do sr. governador civil de distrito de



É neste local da beira-Vouga, para além da ponte de Cacia e a curta distância de Angeja, que se espera tenha começo a estrada Aveiro-Murtosa, de que já demos notícia. Atravessando campos verdejantes e serpeando braços da Ria de Aveiro, a pretendida via de comunicação entre os dois concelhos trará valor turístico para a região e consideráveis facilidades para o trânsito

Aveiro, uma exposição em defesa da construção da referida variante, mas a poente da localidade, conforme o primeiro projecto, pois só assim ficarão defendidos os seus interesses urbanísticos e até agrícolas. Esta obra é não só de reconhecida urgência por estar a aproximar-se a época das sementeiras de milho, mas também pela necessidade de alargar a parte urbana da freguesia por aquela artéria, visto que só assim se poderá obter o descongestionamento da pepulação. A variante que se pretende deverá partir da citada estrada nacional n.º 16, a entrada de Angeja, junto ao rio Vouga, indo alcançar, em linha recta, pelo norte, a estrada n.º 109. Importa ainda acentuar que a construção pedida resolverá o problema do trânsito em direcção ae Porto e a Viseu, trânsito que hoje, pelo seu

movimento e pelo peso das cargas, se torna difícil e até prejudicial, visto que os grandes e pesados transportes, ao atravessarem a rua central do lugar, chegam, por vezes, a danificar os edifícios.

Só uma variante deverá ser construída: a defendida no primeiro projecto e que é a que melhor serve os interesses de Angeja e do próprio trânsito veicular, afastando-o do centro da terra e encurtando-lhe caminho.

O SÃO JORGE

foi lançado à água

EM AVEIRO

O lançamento à água do bacalhoeiro «São Jorge» efectuou-se há dias nos estaleiros de mestre Manuel Maria Mónica, na Gafanha da Nazaré, Aveiro. Assistiu à cerimónia o Sr. ministro da Marinha, em honra do qual teve lugar, no Cine-Teatro da cidade, um almoço.

O «São Jorge» destina-se à frota bacalhoeira de pesca à linha. Tem 1.000 toneladas de capacidade para 14.000 quintais de pescado. A tripulação será de 80 homens, entre os quais 72 pescadores. O equipamento compreende onda eléctrica, radar e câmara frigorífica para isco e alimentos, com capacidade de 60 toneladas.

Reputamos estes acontecimentos como índice do valor industrial da zona aveirense.

O barco de velas enfunadas, característico dos sítios de Aveiro, encontra-se amiúde rasgando sulcos em rios e canais. Trafegando incessantemente, muito concorrem estes transportes fluviais para a economia das humildes povoações do Vale do Vouga



A PESCA DE ARRASTO **ESTE ANO** NA COSTA NOVA



Por este interessante desembarcadoiro da Costa Nova, frente à Ria, se faz todo o movimento entre a praia e o vizinho concelho de Ílhavo

linda e pitoresca praia da Costa Nova vai ter de novo em actividade a sua antiga companha de pesca, que paralisara há um ano, prejudicando muitas dezenas de famílias de pescadores pobres da região que ganhavam o pão, embora amar-gamente, naquela indústria. Como os resultados financeiros obti-

dos na última safra pelas empresas da Torreira e Mira foram compensadores, mercê da abundância de peixe, os proprietários da Empresa da Costa Nova resolveram jogar este ano a sua sorte. E assim, a praia terá de novo um motivo turístico de grande

atracção: a partida e arribada dos barcos de proa arrebitada e os curiosos trabalhos do lançamento e da recolha das redes.

Já não são muitas as praias do nosso litoral onde se usa ainda este sistema de pesca, tão antigo como curioso.

Na Torreira, mais para o Norte da Costa Nova, também a sardinhaoutros peixes - é pescada pelo mesmo processo, subindo ao areal doirado, ainda viva e prateada, no «saco» enorme onde foi meter-se lá longe, no alto mar.

São os bois pachorrentos, e paci-

ficos, que puxam a comprida rede, num vai-vem constante de muitas horas dum aturado e exaustivo trabalho.

O turista deixa-se prender, como o peixe, pelos encantos da tarefa marítima, passando parte do dia a acompanhar, atento, as várias fases desta actividade dos homens que vivem do mar, em ousada luta contra as suas arremetidas e traições.

O costume, não há que ver nem contestar, encerra motivos de apreço, cheios de atractivos turísticos, e isso justifica que dele se faça a necessária propaganda.



FABRICAS ALELUIA

AZULEJOS

LOUÇAS ARTÍSTICAS SANITÁRIAS DOMÉSTICAS

AVEIRO Telefones 22 + 806 + 807

FOTOGRAFIA CENTRAL

HENRIQUE RAMOS

R. COMB. GRANDE GUERRA, 27 **TELF. 127** AVEIRO



Retratos artisticos em todos os géneros

MAQUINAS E ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

TRABALHOS PARA AMADORES



Referências, comentários e opiniões da Imprensa

REVINDO-SE de termos e adjectivos dos mais lisonjeiros e delicados, a Imprensa não cessa de referir-se à «Rodoviária». Parece que cada um dos seus números, à medida que eles vão sendo distribuidos. leva consigo o condão de a todos comover e impressionar, de todos colhendo encómios penhorantes e entusiastas.

Ler, apenas, tantas alusões, tão numerosas provas de apreço pelo nosso trabalho modesto, e não as arquivar nestas colunas, visto que pertencem mais a elas do que a nós, seria cometer imperdoável falta.

Aqui iremos reproduzindo, na medida em que o espaço no-lo consentir, essas Referências, Comentários e Opiniões da Imprensa, para a história singela de uma iniciativa que tantos jornalistas acodem a louvar espontânea e generosamente.

Do Noticias do Algarve, de Vila Real de Santo António:

Rodoviária — Saiu mais um esplêndido número, o 6.º, da Rodoviária, revista de transportes e turismo, que já se afirmou como a melhor publicação no género. O presente número, dedicado à nossa província, insere óptima colaboração, merecendo especial referência a interessante crónica do comandante Alvaro Valente, «O Algarve de Carrinha». A capa reproduz uma das características chaminés algarvias sobre um fundo de amendoeiras.

De o diário A Voz, de Lisboa:

Rodoviária — Esta revista, dedicada a assuntos de transportes e turísticos, editou agora o seu 5.º número, Entre os artigos que publica merecem menção especial os intitulados «Centrais de camionagem — um problema que urge resolver»; «Submarinos de outros tempos»; «Uma página de amor nas invasões francesas»; e «Impressões de Santarém».

De o Diário de Coimbra:

Rodoviária — Publicação mensal de transportes e turismo, da direcção de M. Oliveira Santos, atraente pelos artigos publicados, pelas gravuras que insere e aspecto gráfico.

Da Gazeta do Sul, de Montijo:

Está publicado o n.º 6 Rodoviária desta interessante e bem elaborada revistn de transportes e turismo, que o nosso camarada de trabalho Sr. Oliveira Santos dirige, edita e de que é também proprie-

camarada de trabalho Sr. Oliveira Santos dirige, edita e de que é também proprietário.

O seu número de Fevereiro, que temos presente, é uma homenagem simpática ao Algarve. A capa, reproduzindo uma chaminé artística e amendoeiras floridas, resultou característica e bonita. Do texto, destacamos os seguintes trabalhos: «O Algarve de Carrinha», pitoresca descrição da província do extremo sul de Portugal, que foi escrita e lida pelo comandante Alvaro Valente, nosso particular amigo e distinto escritor, quando, a propósito se deslocou ao Algarve a nosso convite, a fim de pronunciar uma conferência na sede dum clube farense, em pequena festa por nós levada a efeito: «O Baile de Máscaras», conto: «Falta a Lisboa um Palácio de Comunicações»; as reportagens com base nas actividades das Empresas de Transportes Rodoviários «Eva», de Faro, e Beira Río, da Cova da Piedade; além do mais, vasto noticiário, apontamentos críticos e outra leitura de interesse, profusamente ilustrada.

--- TRANSCRICOE

O «Eco do Funchal», em seu número de 12 de Fevereiro pretérito, transcreve da «Rodoviária» as palavras que o insígne escritor Ferreira de Castro nos confiou sobre a figura de Egas Moniz.

— Já anteriormente, em sua edição de 8 de Janeiro, este apreciado bi-semanário madeirense se referia ao que aqui relatámos acerca da Empresa de Viação Murta, de Portalegre, louvando a sua benemérita acção em benefício das crianças em idade excelar há viarse acerca de la completa de la compl idade escolar, há vinte anos transportadas gratuitamente nos seus autocarros.

E o «Eco do Funchal» salienta que também na Ilha da Madeira acontece outro tanto com a Empresa de automóveics de Câmara de Lobos, da conceituada firma Barreiros.

- O «Correio do Vouga», de Aveiro, dignou-se transcrever o que aqui dissemos sobre a reconhecida necessidade de uma «Estrada Aveiro-Murtosa», encurtando distâncias e mostrando ao viandante a paisagem singular daquela região.

— O «Progresso de Paredes» honrou-nos com a transcrição, na integra, do artigo «Quando os homens faziam as guerras com bicharada temível».

- O «Notícias do Algarve», de Vila Real de Santo António, honra-nos, igualmente, com a transcrição da última parte do artigo «O Algarve de Carrinha», da autoria do nosso preclaro amigo e apreciado colaborador, Sr. comandante Álvaro Valente.

Imensamente sensibilizados com tão distinguidas provas de apreço, a todos testemunhamos o nosso melhor agradecimento.

Do diário Correio do Minho, de Braga:

Rodoviária — Recebemos e agradece-mos o n.º 6 desta espléndida revista de transporte e turismo, a qual, a par da sua excelente apresentação gráfica, é no seu género uma das melhores.

seu género uma das melhores.

O presente número bem documentado, abre com um artigo dedicado a Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho, com larga referência também à investidura do Sr. Coronel Gomes de Araújo, na pasta das Comunicações.

Chamamos contudo a atenção dos camionistas para o artigo «Queixam-se os concessionários» e ainda a interessante crónica pelo comandante Alvaro Valente «O Algarve de Carrinha».

De O Despertar, de Coimbra:

Rodoviária - Mais um número nos vistiou—o 5—desta brilhante publicação que o Sr. M. Oliveira Santos superiormente dirige e que lemos sempre com avidez, dado o interesse dos assuntos tratados nas suas páginas.

É uma revista mensal que vê a luz de publicidade em Lisboa, e foca aspectos gerais de todo o País.

De a Voz do Sul, de Silves:

Rodoviária — Continua a publicar-se com foda a regularidade, esta apreciada e apreciável revista que se ocupa com brilho e interesse, de assuntos relacionados com o turismo nacional, automobilismo, profusamente ilustrada com gravuras elucidativas, e sempre com excelente aspecto gráfico.

Do Jornal da Madeira, do Funchal:

Rodoviária — Temos presente o n.º 5 da revista Rodoviária — Transportes e Turismo, relativo a Janeiro findo, da distinta direcção do Sr. M. Oliveira Santos. O aspecto gráfico é magnifico e a colaboração, variada, interessante.

De O Comércio de Gaia:

Rodoviária -- N.º 5, de Janeiro findo. Revista de transportes e turismo com numerosas ilustrações, dedicando-se, espe-cialmente, com muito interesse, aos assuntos da camionagem

De O Almonda, de Torres Novas:

Rodoviária - Recebemos mais um número da nova revista *Rodoviária* que continua a apresentar-se muito interessante e com informações útels, na sua especialidade que é turismo e transportes.

De A Terra Minhota, de Monção:

Rodoviária - Quando recebemos o pri-

Rodoviária — Quando recebemos o primeiro número desta importante revista sobre Transportes e Turismo dissemos já algo do seu valor e utilidade para todos quantos têm necessidade de se utilizar da camionagem para o seu transporte.

Rodoviária, que M. Oliveira Santos fundou e continua a dirigir, publicou já o seu 5.º número, referente ao mês de Janeiro findo, onde, a par de minuciosas reportagens sobre as mais importantes empresas de camionagem do País, nos apresenta algumas páginas da história de Portugal no tempo das invasões francesas e, a abrir, duas palavras sobre o notável Homem de Ciência que foi Egas Moniz, por Ferreira de Castro, um Mestre nas Letras pátrias e notável romancista.

ma, L.da

OLIVEIRA DE AZEMÉIS

de odas as condições sociais e mostrando-lhes as belezas de uma região que seduz e encanta o viandante

Para sede da firma nascente, com seus escritórios e oficinas, foi eleita a operosa vila de Oliveira de Azeméis. Ponto central das carreiras da *União Rodoviária*, pois todas ali convergem em suas jornadas diárias, Oliveira de Azeméis oferecia, por sua situação geográfica, óptimas condições à instalação de todos os serviços da Empresa.

Trinta e uma viaturas, algumas adquiridas recentemente, compõem a «frota» da casa. Com elas se realizam metòdicamente as carreiras das concessões e se atendem os pedidos para excursões, por terras lusitanas ou em países estrangeiros

Oitenta e quatro homens se empregam e ganham a vida ao serviço da *União Rodoviária do Caima, Lda.*, assim distribuídos: no tráfego, 52; nas oficinas, 24; e 8 nos escritórios, todos eles se empenhando ao máximo para que a entidade patronal aufira resultados satisfatórios da sua dedicação e zelo.

Costuma esta Empresa fazer excursões ao estrangeiro, segundo apurámos, e os seus administradores não verificaram ainda, lá fora, que os serviços de camionagem patenteiem mais progressos que os nacionais, nem os veículos sejam superiores aos nossos, em aspecto ou em conforto e segurança.

Sobre o ponto capital a considerar, com vista a um serviço cada vez mais perfeito e eficiente da Camionagem entre nós, a gerência da União Rodoviária do Caima, Lda., opta por uma justa coordenação dos transportes, tal como o «seu» Grémio já definiu, sem que haja de recorrer-se à supressão de uma única carreira das existentes, pois todas as carreiras criaram à



O Jardim Público de Oliveira de Azeméis, onde a «União Rodoviária do Caima» tem as suas instalações sociais, é um recinto muito aprazível, cuidado, com seu movimento próprio e característico

O Vale de Cambra

Ao cimo da encosta termina o concelho de Azemeis e começa o de Câmara. Em frente, está o lugar dos Baralhas; à esquerda, um ramal da estrada para a aldeia das Cavadas; à direita, sinuosa vereda. Por ela, mau grado a sua rudeza, deve seguir quem quiser relacionar-se com o passado da região, pois no mante próximo ergueu-se o crasto de Ossela. Entre pinheiros e bravos penedais cobrem-se algumas centenas de metros. Na colina, outrora cheia de lares, de muralhas e de armas bélicas, existe agora somente pinheiros, tojo e soledade.

Nas rochas, tão trithadas há milhentos anos, as alhos buscam uma pegada impossível e sô vêm indolentes sardões expondo ao sol os seus verdes e os seus ciros. Mas este próprio abandono, este próprio silêncio que se pega à terra de ande a vida humana desapareceu, torna mais sugestiva, mais profunda, a áspera paisagem. Chega-se, enfim, ao topo do outeiro. Lá se ergue uma ermida com o seu pequeno adro. E sempre o mesmo silêncio, a mesma solidão. Em baixo, corre o Caima, entre escuros fraguedos. E, na banda oposta, levanta-se outro monte, depois a serrania. O passado está sob esta terra nua do adro e nas declividades da colina. Nós próprios o vimos, éramos ainda criança — mas vimo-lo. Foi em 1908.

FERREIRA DE CASTRO

Oliveira de Azeméis

No itinerário de todos os portugueses, ou mesmo estrangeiros que nos visitem e pretendam conhecer os lugares mais pitorescos de Portugal, deve figurar Oliveira de Azeméis. Vila relativamente nova de fundação, não lhe faltam, apesar disso, motivos de merecimento — a recomendá-la sob todos os aspectos.

Enleada no seu próprio nome, a vila anda ligada a esta história muito curiosa, que já pertence à tradição regional:

Havia em tempos recuados, por aqueles sítios, apenas uma taberna solitária. Os donatos dos mosteiros, aos quais se dava também o nome de «azeméis», quando andavam no peditório costumavam descansar debaixo de uma oliveira que estava em frente da taberna, e por isso veio a denominar-se «Oliveira de Azeméis». O tempo foi andando, construíram-se casas junto da taberna, e a povoação foi desde logo conhecida pela designação popular do local, que chegou até aos nossos dias.

Contra esta hipótese, geralmente aceite, insurge-se Pinto Leal no seu famoso «Dicionário». Este autor entende que o nome da vila provém da palavra árabe «algemé», que significa arraial.

(Continua na pág. 22)

=UMA CAMPANHA = A FEIRA

DE MAIOR SEGURANÇA NO TRÂNSITO

vai promover o A. C. P.

Movido pelo desejo de colaborar com as entidades oficiais, que últimamente tantos esforços têm desenvolvido no sentido de limitar por todos os meios ao seu alcance o número de acidentes de viação que se registam nas nossas estradas, o Automovel Clube de Portugal propõe-se realizar brevemente uma «Campanha de Segurança no Trânsito». Uma publicação de 100.000 exemplares, intitulada «O Código da Estrada pela Imagem», focando as principais regras do trânsito automobilístico, será distribuida pelos condutores e proprietários de automóveis ligeiros.

Para os condutores de viaturas pesadas foi elaborado um folheto em que se chama a atenção para a necessidade de cumprir aquelas regras que mais frequentemente são infringidas. Folhetos do mesmo género são destinados a ciclistas, peões e condutores de carroças e animais. De todas estas edições se fizeram grandes tiragens - 200.000 exemplares - para que tenham a conveniente projecção e a desejada eficiência.

Outra das muitas realizações da inte-

ressante campanha será a confecção de cartazes alusivos a perigosas imprevidências, que serão afixados na via pública, por todo o País. Haverá cartazes especiais para os estabelecimentos de ensino, fábricas, oficinas, quartéis, etc. Nos principais cinemas serão projec-

tadas legendas e imagens relacionadas com a campanha da prestimosa agre-miação; e os programas radiofónicos incluirão conselhos e sugestões para os peões.

Está também prevista a realização de um concurso entre os jornalistas profissionais, autores de artigos sobre a segurança no trânsito, publicados, durante a campanha, nos jornais diários de Lisboa e Porto.

Esses artigos deverão visar a necessidade de cumprimento das regras de circulação por todos os que utilizam a via pública, podendo, no entanto, focar apenas aspectos particulares do problema do trânsito. O A. C. P. constituiu três prémios de 3.000, 2.000 e 1.000 escudos, que serão atribuídos aos autores dos melhores artigos publicados sobre o assunto.

DO RIBATEJO

EM SANTAREM.

O Sr. Dr. Eduardo Brasão, se-cretário nacional da Informação, recebeu os Srs. Drs. Artur Proença Duarte, presidente da Junta de Provincia do Ribatejo, Dr. Jacob Pinto Correia, presidente da Câ-mara Municipal de Santarém, e o presidente, vice-presidente e secretário da comissão organizadora da Feira do Ribatejo, respectiva-mente, Sr. Dr. Luis Barreiros Nu-nes, Caetano Marques dos Santos e Celestino Graça.

As referidas individualidades trataram com o secretário nacional da Informação de diversos assuntos relacionados com a Feira do Ribatejo, que será inaugurada pelo Sr. presidente da República.



A MODERNA TECNICA...



roindústria





ESSEX

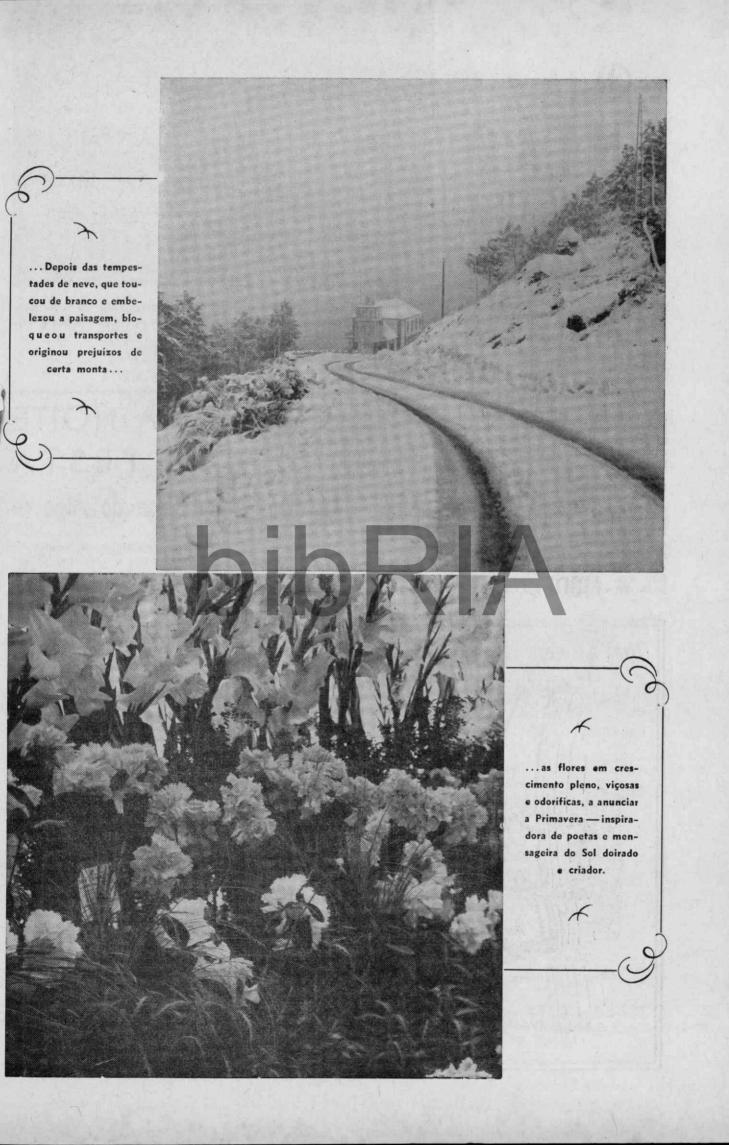
Os melhores extintores de incêndio para veículos motorizados

Instalações automáticas e de comando remoto para líquidos inflamáveis e riscos eléctricos, como subestações, transformadores, etc.

DISTRIBUIDORES :

Z. Bettencourt da Silva, L.da

RUA CAIS DO TOJO, 52 + LISBOA Telefone 66 51 64



-(22)

UNIÃO RODOVIÁRIA DO CAIMA, LIMITADA



Famoso por seus encantos poéticos, o Parque de La-Salette, em Oliveira de Azeméis, bem denota o carinho especial que os naturais dedicam ao seu permanente arranjo e cuidada conservação.

(Continuação da pág. 19)

sua volta um núcleo de interesses próprios, que o público não pode dispensar sem ser prejudicado em suas comodidades e soberanos direitos.

Sobre as «Centrais de Camionagem», problema que vem absorvendo as nossas melhores e mais afeiçoadas atenções, também os dignos dirigentes da conceituada Empresa de Oliveira de Azeméis emitiram seu autorizado parecer, salientando que a necessidade das «Centrais» se acentua de ano para ano e os respectivos municípios, para darem uma solução ao problema, têm de limitar a circulação das camionetas de carreiras, impondo-lhes restrições que afectam os interesses do público e muito prejudicam os concessionários.

Supomos não existir entidade alguma, oficial ou particular, que tenha acompanhado com sintomas de dúvida o movimento por nós fomentado em favor da suspirada construção das «Centrais de Camionagem». Contudo, e porque estas opiniões encerram verdades incontestáveis e muito pesam pelo seu real valor, aqui as vamos arquivando — para a história da construção das «Centrais de Camionagem» em Portugal.

UMA NOITE DE FESTA na Casa do Algarve

Na Casa do Algarve efectuour-se, há dias, uma sessão comemorativa do 26.º aniversário da sua fundação e do 126.º aniversário do nascimento de João de Deus, patrono da prestigiosa agremiação regionalista.

Presidiu a sr.* D. Maria Livia Ramos Lopes da Silva, neta do grande poeta e pedagogo, como representante da sua família e da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus. Foram oradores os srs. major Mateus Moreno, presidente da direcção da Casa do Algarve, dr. Garcia Domingues, presidente da comissão cultural e José Raul da Graça Mira, vice-presidente da Comissão de Turismo e Propaganda.

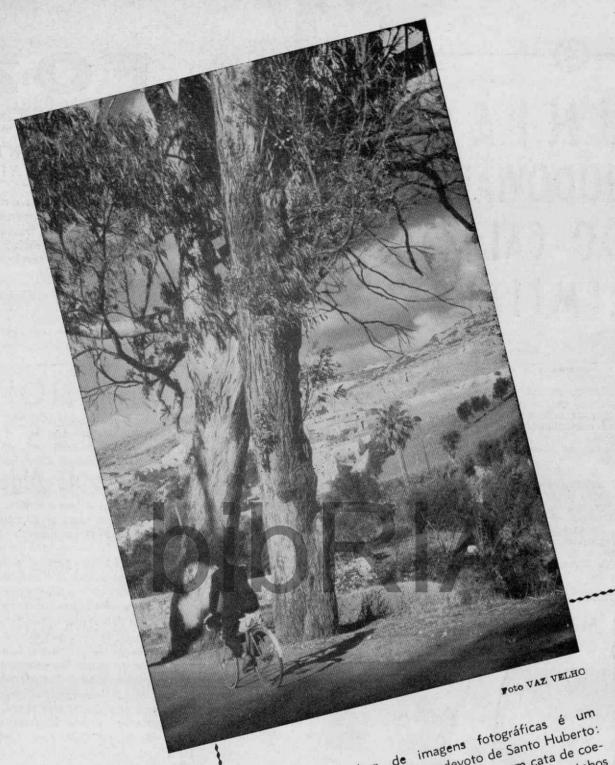
Propaganda.
O sr. dr. Garcia Domingues evocou vários episódios da vida de João de Deus, em Silves, seguindo-se um recital de poesias de João de Deus e João Brás, por D. Maria Helena Farmhouse da Graça Mira Mateus.

«Sugestões para o fomento do turismo no Algarve» foi o tema de uma confe-

rência do sr. José Raul da Graça Mira. Começou o orador por descrever as condições a que deve obedecer todo o país que pretenda fazer turismo e, passando ao caso concreto do Algarve, fixou especialmente os pormenores que se prendem com as estradas e sua sinalização; indicações a prestar aos turistas que prefiram o caminho de ferro; localidades algarvias em que devem ser instalados novos hotéis e pensões; necessidade de construção da já prometida Pousada de Sagres; conveniente preparação do possoal hoteleiro; características arquitectónicas locais; aproveitamento dos motivos folclóricos; circuitos turísticos a estabelecer na época das amendoeiras em flor, na Primavera ou no Verão, etc.

Tanto os oradores como a declamadora foram muito aplaudidos.





«caçador» de imagens fotográficas é um

apaixonado como o devoto de Santo Huberto:

apaixonado como o devoto d

feliz e oportuno...

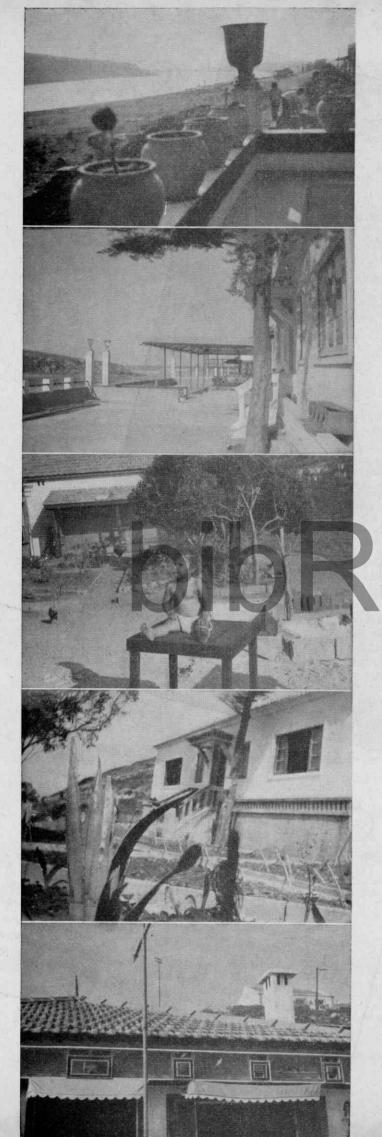
A fotografia que tão brilhantemente ilustra esta
A fotografia que tão brilhantemente ilustra cerA fotografia que tão brilhantemente ilustra esta
A fotografia que tão brilhantemente ilustra exerA fotografia que tão brilhantemente ilustra esta

(xiros» cer
página deve ter sido obra de um desses (xiros» calual e melan
página deve ter sido obra de cenário natural e melan
teiros. Tradutora, embora, do cenário natural e melan
teiros. Tradutora, embora, do cenário natural e melan
teiros. Tradutora, embora, do cenário natural e melan
cólico de uma tarde de Inverno, enquadra cintilâncias

de luz, movimento próprio e arte na perspectiva.

de luz, movimento próprio e arte na perspectiva.

de luz, movimento próprio e arte na perspectiva.



A FOZ DA ERICEIRA

SEUS ENCANTOS E NECESSIDADES

EM sempre os anos creditam fama e reputação às coisas. As realizações moças, talvez porque as inspirou a juventude, trazem consigo, por vezes, ideias e poderes que outras nunca lograram e alcançam, em pouco tempo, larga popularidade e milhares de simpatias.

Este friso de gravuras, todas elas focando vários aspectos do mesmo local, foi recolhido naturalmente, sem artificios nem habilidades do fotógrafo, na Foz da Ericeira, lugar privilegiado da nossa orla marinha, que tem merecido as melhores

e mais justas atenções da Rodoviária.

Um poente observado na Foz da Ericeira, à hora em que o Astro-Rei vai voluntàriamente sepultar-se nas águas rubras do oceano, é momento que impressiona inovidàvelmente quem dele se apercebe com apurado sentido.

O rio corre ao encontro do mar, entregando-selhe amorosamente, e o consórcio das águas, permanentemente renovado, enche de ternura o panorama e a paisagem singular em seu redor.

Nem só os adultos se dão bem e sentem felizes naquele oásis. As crianças, como se vê numa das gravuras, passam ali umas férias alegres e recuperadoras

Faltava no lugar idílico, para o completar dignamente, uma pousada onde o veraneante e o turista pudessem instalar-se e repousar sem preocupações. Porque veraneantes-banhistas, e simples turistas em digressão devassadora, não faltam na Foz da Ericeira no decurso do ano interro.

Mas a pousada surgiu — e dela nos fala explicitamente esta fiada de sugestivas imagens.

Rio-Mar denominado, o novo Restaurante, descendente de uma ousada iniciativa particular, tem arrecadado elogios e felicitações sem conto, significativa procura têm tido os seus inestimáveis serviços, mas isso não é o suficiente para compensar os sacrifícios e o arrojo de quem sonhou o melhoramento e lhe deu palpável realidade.

O local, antes totalmente deserdado de beneficios materiais, precisa que para ele reparem interessadamente as autoridades concelhias. O arranjo da via que dá acesso à Foz da Ericeira, facultando livre e seguro trânsito aos veículos que pretendam demandar o lugar eleito, e a instalação de luz eléctrica, pondo cintilâncias de progresso onde a escuridade residiu durante séculos, são melhorias imprescindíveis que requerem urgente solução.

Recomendamos o assunto ao Município da Ericeira, ora dirigido por homens solícitos e diligentes. Nem sempre surgem, como aconteceu com a Foz, estas oportunidades felizes de fazer Turismo e fomentar o desenvolvimento das terras. Protegê-las e acarinhá-las, dotando prontamente as estâncias nascentes com aquilo que mais falta lhes faz, é digna atitude de quem tem a seu cargo e cuidados a melhor orientação dos interesses colectivos e do bem público.

Ocorrências do mês

PORTO DE MÓS, por iniciativa das suas autoridades maiores, prestou há dias homenagem a um digno filho daquela vila — o sr. José Justino.

O homenageado fazia anos e os seus

conterrâneos, reconhecidos pelos altos serviços de benemerência por ele prestados à sua terra, distinguiram-no com uma festa singela, pelo coração ditada, expressando-lhe, com milhares de assinaturas, o apreço e reconhecimento de toda a população de Porto de Mós.

Andaram bem os dirigentes da vila ridente, porque os homens de sentimentos nobres, sensíveis à dor alheia, enternecem-se mais ainda com a gratidão

do semelhante.

O sr. José Justino, considerado industrial em Santarém, é dedicado assinante da Rodoviária, com o que muito nos honramos, felicitando-o pelo tocante acontecimento que o surpreendeu no doce ambiente da terra natal.

O TENENTE-CORONEL Ernesto Machado Soares de Oliveira e Sousa foi nomeado para fazer parte da comissão encarregada de estudar o problema das ligações rodoviária e ferroviária entre Lisboa e a margem sul do Tejo, como representante do Secretariado-Geral da Defesa Nacional.

COM O TEMPO invernoso que ultimamente tem feito, dizem de São Bartolomeu de Messines, estão totalmente cortadas as comunicações entre uma grande parte da freguesia, toda a freguesia de S. Marcos e a sede do concelho, que é Silves. A tão solicitada criação dos serviços de automotoras nas regiões referidas, é cada vez mais ansiosamente espe-rada, aguardando-se que as atenções da C. P. se voltem para o assunto.

FOI REQUERIDA licença para exploração de uma carreira de passageiros entre Cacia (estação), passando por Angeja, Fermelã, Canelas, Salreu, Es-tarreja (estação), Veiros e Pardelhas (Murtosa).

SIR FRANK MEDLICOTT, mem-bro do Partido Conservador inglês, disse nos Comuns, há dias, que as mulheres são motoristas mais seguros do que os homens. Tendo esta declaração levantado ruidosos protestos, Sir Frank Medlicott acentuou que, se a Policia examinar com atenção os seus registos de acidentes de viação, com destrinça do sexo dos seus causadores, verificará que as mulheres são mais cuidadosas.

A MAIS DENSA rede de estradas da Europa é a francesa: 652 mil quilómetros. Seguem-se a Inglaterra, 279.000; Itália, 172.000; Suécia, 134.000; e a Alemanha, 128.000.

EM BOLONHA DO SENA, à beira da auto-estrada de Oeste, o parisiense sr. Figoni abriu uma singular estação de serviço: nada menos do que um instituto de beleza para automóveis.

Não se vende ali gasolina, nem óleos, nem pneus. O estabelecimento com a asistência de bons técnicos destina-se apenas a limpar os carros e a fazer-lhes pequenas operações, a que o industrial chama de cirurgia estética.

IMPRENSA

REVISTA «NATURA»

Temos presente o número de Março corrente, por amável deferência da sua redacção.

Esta edição da *Natura* ocupa-se, como as que a precederam, da propaganda e difusão do Naturismo e relata, além disso, várias fases do julgamento do seu director, Sr. Indiveri Colucci.

É uma publicação muito útil, que recomendamos aos nossos leitores.

«FOLHA DE TONDELA»

Cinquenta anos consumidos a apresentar, semanalmente, uma folha impressa, mais rica ou pobre de literatura, chegam para atestar a vontade e o querer

de cada um. Pois foi cinquenta anos de vida que agora comple-tou a Folha de Tondela, to-talmente dedicados aos progressos da simpática vila da Beira Alta.

Na pessoa do seu direc-tor, Sr. Arménio de Figueiredo e Sousa, cumpri-mentamos o simpático confrade.

«O COMÉRCIO DE GAIA»

Vem de festejar as suas «Bodas de Prata», acontecimento que assinalou com a edição de um número especial, este conceituado semanário de Vila Nova de

Saudamo-lo cordialmente, com desejos de que muitas datas iguais haja de come-

«A PROVÍNCIA»

Um ano de labuta na vida de um periódico, faça ele parte da grande ou da pequena Imprensa, é ta-refa merecedora de apreço e digna de louvor. A Provincia vê a luz da

publicidade na próxima vila do Montijo e acaba de festejar, com um número es-pecial, o seu primeiro ano de actividade, 80 % votada ao desenvolvimento do progressivo e renovado burgo onde tem a sua sede.

Cumprimentamos o jovem paladino regionalista, augurando-lhe vida longa e cada vez mais próspera e liberta de escolhos.

DEPOIS DOS MUITOS melhoramentos com que foi beneficiado o lugar de Enguias, um outro há a salientar agora: a restauração da carreira de camionetas entre Belmonte (Estação) e Sabugal, passando pela referida povoação.

PROSSEGUEM intensamente, entre a passagem de nivel do Papel, a algumas centenas de metros da estação do Cacém, os trabalhos de construção do prolongamento da nova estrada que já está pronta desde Lisboa até à referida passagem de nível. É uma via de comunicação que muito facilitará o trânsito entre Lisboa e Sintra, tornado-se mais rápido, mais cómodo e mais seguro. Construído o respectivo aqueduto, em diagonal, na Ribeira do Papel, e executados grandes trabalhos de demolição no morro fronteiro à estação do Cacém, e em Rio de Mouro, está agora a proceder-se à terraplenagem da parte imediatamente a seguir à passagem de nível.

ENTRE BENQUERENÇA e Salgueiro começou a construir-se uma estrada, dada a grande necessidade da ligação dos concelhos de Penamacor e do Fundão. As respectivas obras paralisaram devido às dificuldades surgidas com a construção de uma ponte no percurso.

A JOVEM VEDETA vai tão con-tente a conduzir o seu «espada» que nem repara que segue em infracção. O policia da estrada faz-lhe o sinal de parar, mas ela não obedece. O guarda monta na sua motocicleta, vai em sua perseguição e pergunta-lhe:

— A senhora não viu o sinal que lhe

E a «vamp», muito formalizada:

- Quando vou a conduzir não atendo o galanteio nem ligo nenhuma aos sinais que me fazem.

APROVEITANDO o dia maravilhoso que ontem fez, relatava um diário há semanas, muita gente saiu de Lisboa em passeio. Amarga resultou, no regresso, a aventura para muitos, estragando-lhes no fim a digressão, porquanto, às 23 horas, a «bicha» de automóveis que aguardavam transporte para Lisboa ia de Cacilhas até à Cova da Piedade! Voltamos ao problema dos últimos

anos: - a falta de atracadouros em Cacilhas e em Lisboa para os barcos da carreira entre as duas margens do rio. Era natural que se tivesse previsto o que ontem começou a registar-se: afluência de passageiros. Não se poderão evitar, para os domingos que vão seguir-se, os transtornos de ontem?

Os leitores que pedem a nossa intervenção no caso — e que ontem foram vi-timas de falta de cuidado com estes serviços de interesse público — esperam que sejam tomadas providências.

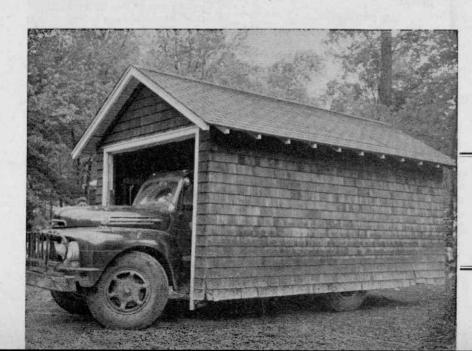
E a Rodoviária, que tanto se tem interessado pela solução do problema, verberando o transtorno que a insuficiência origina e até o descrédito que sobre nós produz, junta ao queixume amargo do confrade ilustre, com ele fazendo solidário coro, o próprio queixume das suas frequentes observações.



Desejosos de presenciarem os resultados do «invento», os vizinhos de Roy Paimer ajudam-no na construção da garagem, numa cativante manifestação de solidariedade e boa vizinhança...



Antes de ter o edifício firmemente preso a si, a zorra é metida na garagem. O ajudante dá indicações ao motorista, não vá o veículo roçar na ombreira...



Pronta para se deslocar a caminho da sua nova casa, sete milhas afastada do local onde teve lugar a construção, a garagem parece mais um alegórico carro de Carnaval do que um abrigo para automóveis.

A GARAGEM SUSPENSA ...E PORTÁTIL

—«Se você quer uma c feita, faça-a você mes — é uma sensata e ló ...a advertência, muito usada na América.

Siga o exemplo de Roy Paimer de Newe Canaan, que os bons exemplos são de aconselhar e podem ser seguidos por qualquer indivíduo. Ele queria deslocar a sua garagem de madeira para Weston, sete milhas mais longe. O problema apresentou-se-lhe um tanto dificil. A melhor forma seria desmontá-la na origem e reconstruí-la no destino... Mas isso, a fazer-se, implicava muinto trabalho e certa despesa.

O homem pensou, magicou demoradamente—e decidiuse por fim: promoveria a oção da garagem inteiri, sob uma potente zorra.

da garagem inteirinha, sob uma potente zorra.

O percurso foi feito com muita segurança e calma. despertando a passagem do estranho veículo compreensível surpresa nas povoações. A garagem como se calcula, tomava quase todo o leito da estrada, o que obrigava os outros carros a seguirem processionalmente, por vezes, na sua retaguarda. Mas os condutores desses carros não apresentaram queixa do atraso sofrido. porque os recreou de certo modo a companhia invulgar da cabana rolante...





Com Roy Paimer ao volante, zorra e garagem despedem-se de New Canaan, a caminho de Weston, onde a garagem móvel começará a dar contas do seu valor e préstimo como estação de recolha ideal.



Por mais que o motorista se desloque para a esquerda da vereda, quando se encontra na retaguarda da garagem que parece deslocar-se por seus próprios meios, a via é sempre um tanto acanhada para se realizar a ultrapassagem . . .



A NOSSA EXPANSÃO

A «Rodoviária» encontra-se à venda em todas as cidades e vilas do País, e no Ultramar, nas respectivas agências de publicações.

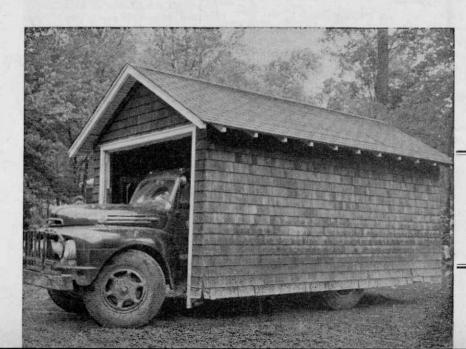
Se o leitor, porém, desejar recebê-la na sua própria residência, sem mais preocupações ou maçadas, basta escrever-nos um postal. «Rodoviária» sentirá prazer inefável em visitar, mês após mês, as pessoas amáveis que se nos dirijam a solicitar a sua remessa em regime de assinatura, ao preço de 5\$00 por cada número.



Desejosos de presenciarem os resultados do «invento», os vizinhos de Roy Paimer ajudam-no na construção da garagem, numa cativante manifestação de solidariedade e boa vizinhança...



Antes de ter o edifício firmemente preso a si, a zorra é metida na garagem. O ajudante dá indicações ao motorista, não vá o veículo roçar na ombreira...



Pronta para se deslocar a caminho da sua nova casa, sete milhas afastada do local onde teve lugar a construção, a garagem parece mais um alegórico carro de Carnaval do que um abrigo para automóveis.

A GARAGEM SUSPENSA ...E PORTÁTIL

—«Se você quer uma c feita, faça-a você mes — é uma sensata e ló ca advertência, muito usada na América.

Siga o exemplo de Roy Paimer de Newe Canaan, que os bons exemplos são de aconselhar e podem ser seguidos por qualquer indivíduo. Ele queria deslocar a sua garagem de madeira para Weston, sete milhas mais longe. O problema apresentou-se-lhe um tanto dificil. A melhor forma seria desmontá-la na origem e reconstruí-la no destino... Mas isso, a fazer-se, implicava muinto trabalho e certa despesa.

O homem pensou, magicou demoradamente—e decidiuse por fim: promoveria a oção da garagem inteiri, sob uma potente zorra.

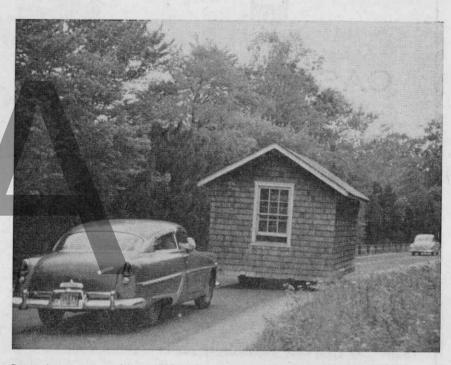
da garagem inteirinha, sob uma potente zorra.

O percurso foi feito com muita segurança e calma. despertando a passagem do estranho veículo compreensível surpresa nas povoações. A garagem como se calcula, tomava quase todo o leito da estrada, o que obrigava os outros carros a seguirem processionalmente. por vezes, na sua retaguarda. Mas os condutores desses carros não apresentaram queixa do atraso sofrido. porque os recreou de certo modo a companhia invulgar da cabana rolante...





Com Roy Paimer ao volante, zorra e garagem despedem-se de New Canaan, a caminho de Weston, onde a garagem móvel começará a dar contas do seu valor e préstimo como estação de recolha ideal.



Por mais que o motorista se desloque para a esquerda da vereda, quando se encontra na retaguarda da garagem que parece deslocar-se por seus próprios meios, a via é sempre um tanto acanhada para se realizar a ultrapassagem . . .



A NOSSA EXPANSÃO

A «Rodoviária» encontra-se à venda em todas as cidades e vilas do País, e no Ultramar, nas respectivas agências de publicações.

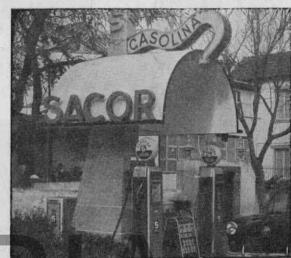
Se o leitor, porém, desejar recebê-la na sua própria residência, sem mais preocupações ou maçadas, basta escrever-nos um postal. «Rodoviária» sentirá prazer inefável em visitar, mês após mês, as pessoas amáveis que se nos dirijam a solicitar a sua remessa em regime de assinatura, ao preço de 5\$00 por cada número.

SACOR

OFERECE AOS AUTOMOBILISTAS OS SEUS POSTOS DE ABASTECIMENTO AO LONGO DAS ESTRADAS DE PORTUGAL

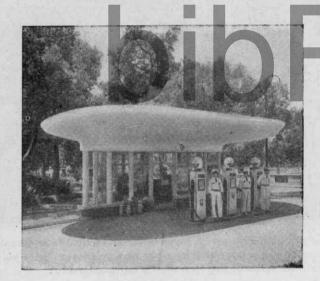


CASCAIS -



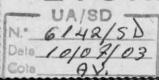


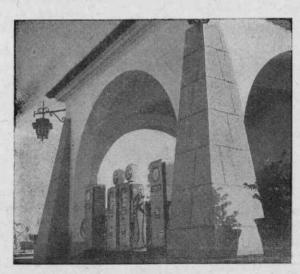






ÉVORA





AVEIRO

(Continuação da pág. 17)

e 1722, de sumptuosos portais; a Igreja de Jesus, cuja primeira pedra foi lançada em 1462, pelo rei D. Afonso V, tem de assinalável a magnificência da sua talha dourada, mormente a do tecto da capela-mor, representativa dos estilos dos séculos XVI, XVII e XVIII; está integrada no edifício pertencente ao antigo Convento de Jesus, onde ficam as instalações do Museu Regional.

Neste Museu, de valiosissimo recheio artístico, composto por tecidos e paramentos, livros litúrgicos, gravuras, pin-turas, esculturas, objectos de ourivesaria, de cerâmica, de talha dourada e de arte oriental, são dignos de menção os túmulos barrocos de Santa Joana (séc. XVII) e de D. Gabriel de Lencastre (séc. XVIII) e o túmulo pré-manuelino de D. João de Albuquerque (séc. XV). O sumptuoso túmulo da Santa Princesa, encomendado por D. Pedro II ao arquitecto português João Antunes, é de mosaico de mármore de várias cores e, no seu género, é único no Mundo. São ainda merecedores de referência especial, o retrato da Princesa em trajo de corte, o oratório da sua morte, considerado monumento nacional, e vários Primitivos de raro valor.

Na cidade existe um Jardim Público e, anexo a este, o Parque do Infante D. Pedro, aprazível recinto que merece uma visita. No seu interior encontra-se um edificio onde está instalada uma casa de chá, um lago com alguns cisnes, onde deslizam barcos a remos, um Parque infantil e vários recintos para a prática de desportos.

De Aveiro são ainda afamadas as majestosas procissões — particularmente as dos Passos, das Cinzas e de Santa Joana —, a elegância dos trajos populares tradicionais das salineiras e tricanas, as suas especialidades culinárias, as apetitosas caldeiradas, os apreciados mexilhões e enguias de escabeche — e os célebres e deliciosos ovos moles.

Um certame regional de nomeada é a «Feira-Exposição de Março», que anualmente se realiza de 25 de Março a 25 de Abril e atrai milhares de forasteiros.



As autoridades de Aveiro não quedam indiferentes em presença da chegada de turistas à cidade ribeirinha. Nestas lanchas da Comissão de Turismo local, elegantes e cómodas, o visitante é transportado aos lugares mais belos e idílicos da região

No dia de abertura, que coincide com a «Feira dos Barcos», a Comissão de Turismo de Aveiro leva a efeito um concurso dos painéis das proas dos barcos moliceiros, destinado a premiar os que apresentem desenhos mais típicos. Esta iniciativa visa a fomentar a prática de tão interessante tradição de etnografia regional. Durante aquela feira várias exibições de ranchos folclóricos da região e, últimamente, tem sido valorizada com a presença de um navio da Marinha de Guerra portuguesa, à tripulação do qual são ofertadas lembranças e dedicadas várias festas de homenagem.

No que se refere ao Turismo, tem sido notável a acção, verificada nestes últimos anos, deste sector da administração municipal, à frente do qual se encontra o Sr. Arnaldo Estrela Santos. Conhecedor em absoluto dos problemas inerentes ao Turismo, que as suas constantes digressões ao estrangeiro têm aprofundado, sacrificando-se para o cumprimento cabal da missão de que se acha empossado, tem desenvolvido uma extraordinária actividade em prol da elevação do nível turístico não só da zona sob a sua alçada, como ainda do país. Neste sentido, tomou a iniciativa de promover reuniões dos presidentes das

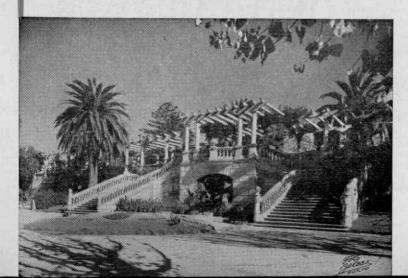
Comissões e Juntas de Turismo das Beiras, tendo-se realizado já uma, em 1953, em Viseu, e outra, no ano imediato, em Aveiro, estando marcada nova reunião para o ano corrente, a efectuar na cidade da Guarda. Estas reuniões destinam-se a elevar e aperfeiçoar o nível turístico nacional, e particularmente das Beiras, e continuarão a efectivar-se, enquanto se não fizerem no S. N. I., como acontecia no tempo do Sr. António Ferro.

Contudo é de esperar que o novo Secretário Nacional da Informação, Sr. Dr. Eduardo Brazão, em boa hora nomeado para desempenhar tão elevado cargo, reate aquelas reuniões de evidente beneficio para a solução dos problemas que interessam ao Turismo nacional, quanto a nós as mais eficientes e de mais seguros resultados.

Outra iniciativa da Comissão de Turismo de Aveiro prende-se com a construção de um «ferry-boat» destinado a facultar a ligação entre o Porto e S. Jacinto, onde uma boa estrada, passando pelo Abrigo-Miradouro da Ria de Aveiro, conduz à Torreira e, muito pròximamente, a Ovar. Este empreendimento é tanto mais de encarecer, quanto é certo dele depender o futuro e prosperidade da projectada Pousada da Ria de Aveiro, a construir nas imediações do Abrigo-Miradouro. Para este fim realizou-se ultimamente no Governo Civil, por iniciativa da Comisão de Turismo de Aveiro, uma reunião presidida pelo ilustre chefe do distrito, à qual assistiram as entidades mais representativas da cidade, tendo sido aprovada aquela sugestão. O Sr. Governador Civil prometeu interessar-se pela efectivação deste plano e tem envidado os seus melhores oficios no sentido de promover a sua breve realização.

Como se verifica, a Comisão de Turismo de Aveiro não se tem poupado a esforços de toda a natureza no sentido de melhorar o nível turístico da cidade e da região. Convém, no entanto, salientar que este objectivo tem sido alcançado mercê da íntima cooperação prestada pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal e da prestimosa colaboração dos vogais da Comissão de Turismo, constituida por verdadeiros valores da cidade Veneza de Portugal.

O Parque do Infante D. Pedro, para onde se desce por esta escadaria monumental sob uma formosa pérgola, é um recinto de eleição, quase sem par nas províncias do continente





Uma revolução na técnica da lubrificação!...

Ao serviço da mecânica!...

E em defesa dos óleos, das máquinas e motores.

Anti-oxidante Anti-gripante Anti-corrosivo Anti-ácido Anti-ferrugem

Produtos BARDAHL

Bardahl Oil — para os óleos; Bardahl Top Oil — para os carburantes; Bardahl T. & D. — para transmissões e diferenciais; Bardahl Outboard — para a mistura dos Scooters; Massa Consistente Bardahl — lubrificante de chassis, chumaceiras, etc.; Bardahl Rad-Conditioner — para a água dos radiadores ou caldeiras, desincrustante de calcário e lubrificante das bombas radiadores ou caldeiras, desincrustante de calcário e lubrificante de pequenas de água, etc.; Bardahl Home And Office Oil — lubrificante de pequenas máquinas, espingardas caçadeiras, carretos de pesca, etc.

Reduz a fricção a uma fracção!...

Sub-Agências: Braga, Porto, Leiria, Caldas da Rainha, Torres Novas, Trafaria, Elvas, Beja, Faro, Funchal e Províncias Ultramarinas.

BARDAHL PORTUGUESA

SOCIEDADE EXCLUSIVA DE VENDAS, LDA.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, N.º 11-A — LISBOA — TELEF. 47880

Filial no Porto

PRAÇA DA BATALHA, N.º 144-1.º — PORTO — TELEF. 30088

CAPA — Os motivos turísticos da cidade de Aveiro, onde predominam as veredas líquidas e os barcos de velas pandas, bastam para conquistar o viajante quando chega e rodeá-lo de saudades à partida...

A capa do presente número é testemunho eloquente das nossas afirmações. ANO PRIMEIRO NÚMERO 7



MÀRÇO 1956 PREÇO 5**\$**00

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO

M. OLIVEIRA SANTOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DOS NAVEGANTES, 58, 1.º-Esq. — LISBOA — Telef. 669018
Composição e Impressão de Bertrand (Irmãos), Limitada
Travessa da Condessa do Rio, 7 — Telefone PBX 2 1368 e 2 1227 — Lisboa

P U B L I C A Ç Ã O M E N S A L



PARA UM MELHOR RENDIMENTO DOS SERVIÇOS DE CAMIONAGEM



A ECONOMIA DE TRABALHO DE UM
CAMIÃO DEPENDE, EM GRANDE
PARTE, DO TIPO DE PNEUS QUE USAR.
HÁ UM PNEU MABOR PARA CADA
ESPÉCIE DE TRABALHO, TANTO NA
CIDADE COMO NA ESTRADA OU
AINDA PARA OS MAIS DUROS SERVICOS MISTOS DE ESTRADA E CAMPO

ESCOLHA, POIS, O TIPO QUE MAIS LHE CONVÉM

MABOR

POSTOS E ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRATUITA:

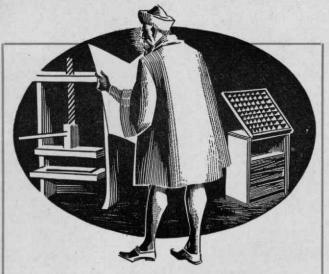
LISBOA — Largo do Andaluz, 15-C — Telefone 57162
PORTO — Praça dos Poveiros, 50 — Telefone 28271
COIMBRA — Rua da Sofia, 175 — Telefone 5253
AVEIRO • CASTELO BRANCO • COVILHÃ • FARO
SANTARÉM • VILA REAL • VISEU

E A GASOI

- AUMENTA A FORÇA DO MOTOR DIMINUI O CONSUMO DE COMBUSTIVEL MELHORA AS ACELERAÇÕES REDUZ O CONSUMO DE ÓLEO
- 100% Puro da Pennsylvania
- ELIMINA RUIDOS DE VALVULAS
- MELHORA O COMANDO HIDRAULICO DAS VALVULAS CONSERVA OS MOTORES LIMPOS

O ÓLEO QUE LHE POUPA O MOTOR E O SEU DINHEIRO

CONTRACTOR A. CONTRERAS, LTD.—Rea Eugenio des Santos. 112—LISEOA no monta: Electro central vulcanitadora. Ltd.—Proce D. Jose I. 35—Porto



Em 1440 Johannes Gutenberg, inventou a imprensa.

Desde então as artes gráficas evoluiram de forma notável até aos nossos dias. Hoje, o mais alto expoente das artes gráficas em Portugal é simbolizado por

BERTRAND [IRMÃOS], L.ºA

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227 - 21368 - 32574 - LISBOA

Electrostar, L.da

FILIAL DA

Dardo+

Calçada da Estrela, 6 e 8 Telef. 660818 LISBOA

0/0

ASPIRADORES CANDEEIROS
ENCERADORAS FERROS ELÉCTRICOS
FOGÕES DE VÁRIOS MODELOS
FRIGORÍFICOS MISTURADORAS
RÁDIOS DAS MELHORES MARCAS
VENTOINHAS, ETC., ETC.

0/0

Vendas com grandes facilidades em colaboração com as C. R. G. E.

6 — 12 — 18 — 24 ou 36 P R E S T A Ç Õ E S

A existência da

ENCICLOPÉDIA DA VIDA CORRENTE

na sua biblioteca permitir-lhe-á

- Poupar tempo e despesas em busca de informações difíceis de encontrar;
- Ter a certeza de que as informações colhidas são efectivamente correctas;
- 3.*—Actuar com a segurança de quem domina os problemas;
- 4.º Dispensar a aquisição de dezenas de volumes dispersos e dispendiosos.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

A — Preço de cada fascículo..... 25\$00

B — Série de 6 fascículos (pagamento adiantado)...... 125\$00

C — Série de 12 fascículos (pagamento adiantado)...... 240\$00

CONDIÇÕES DE VENDA do 1.º Volume

A Pronto Pagamento:

Pagamentos suaves:

Encadernação normal...... 420\$00

12 prestações mensais de 35\$00 Encadernação de luxo....... 440\$00

1.ª Prestação 55\$00 e 11 Prestações de 35\$00



POUCOS VOLUMES TODOS OS ASSUNTOS!

COLABORAÇÃO DOS MELHORES

ESPECIALISTAS - ACTUALIZAÇÃO

RIGOROSA DE TODAS AS MATÉRIAS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE ASSINATURA

Desejo receber u	m fascio	culo, à expe	riência, da
ENCICLOPÉDIA	DA	VIDA	CORRENTE
Nome			
Morada			SS

ENCICLOPÉDIA DA VIDA CORRENTE

LIVRARIA AVELAR MACHADO • RUA POÇO DOS NEGROS, 19-21 • LISBOA